

LILIANE ISABEL APARECIDA FRANCO

**UM CAMINHO PARA A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
dinâmicas pautadas nos pilares básicos da Educação/UNESCO**

UBERABA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Liliane Isabel Aparecida Franco

**UM CAMINHO PARA A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
dinâmicas pautadas nos pilares básicos da Educação/UNESCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física área de concentração “Esporte e Exercício” (Linha : Formação e Ação Profissional em Educação Física e Esportes), da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Dr^a Michele Viviene Carbinatto.

UBERABA

2015

Liliane Isabel Aparecida Franco

**UM CAMINHO PARA A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
dinâmicas pautadas nos pilares básicos da Educação/UNESCO**

Uberaba, 20 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Dr^a. Michele Viviene Carbinatto (orientadora)

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr^a. Mônica Caldas Ehrenberg (membro da banca)

Universidade de São Paulo

Dr^a. Regina Maria Rovigati Simões (membro da banca)

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dedico este trabalho a todas as crianças que ainda não
experimentaram o prazer do ato de DANÇAR!

AGRADECIMENTOS

Gratidão... Esse é o sentimento que resume o que sinto neste momento de concretização desta etapa de minha vida.

Grata a Deus, ao mestre Jesus e seus trabalhadores do bem, que me guiam a cada segundo, e por todos que cruzaram meu caminho desde o início de minha existência, pois sei que cada ser contribuiu para eu ser quem eu sou hoje!

Pontuo e agradeço a minha família, minha mãe Márcia, minhas irmãs Lilia e Josiane, meus sobrinhos Enzo e Eloá que me fazem lembrar parte importante de existir e quem eu sou, que me tratam como filha, irmã e tia, que arrancam de mim sentimentos intensos! E ao meu pai Silvio, que mesmo não mais presente fisicamente pude senti-lo nos momentos mais fatigantes desse trajeto a me amparar...

Ao Gustavo, companheiro de jornada, o amor que reencontrei, foi quem me apoiou e incentivou a encarar esse desafio e mudança de vida, quem aguentou os sentimentos turbulentos que me rondaram nessa fase, e nos dá à oportunidade de aprendizado e resgate.

Aos professores que me fortaleceram o conhecimento, Michele Carbinatto, Wagner Moreira, Regina Simões, Vilma Nista-Piccolo e Octávio Neto.

A professora Michele Viviene Carbinatto, pelas orientações nesse trabalho e pela maneira de ser que, a cada circunstância, me fez aprender.

A Simone Castellano, a Secretaria de Educação de Uberaba e aos professores efetivos atuantes no Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal, que colaboraram piamente para concretização dessa pesquisa.

Aos colegas do mestrado, pelo convívio de aprendizado e ajudas, em especial aquelas que se tornaram companheiras de teto Carol e Talita, e a que se tornou companheira de marcha, Roberta Miranda.

Aos colegas do NUCORPO (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento), que compartilharam momentos ímpares de estudo, pesquisa, incentivos e risadas!

Aos professores membros da banca Mônica C. Ehrenberg, Wagner W. Moreira, Regina M^a R. Simões e Andressa S. Ugaya pelas contribuições no trabalho e enriquecimentos de formas variadas.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi propor dinâmicas de Dança para as aulas na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental I que se pautassem nos pilares da educação propostos pela UNESCO e nos elementos da dança para o âmbito escolar. Para isso, dezessete professores efetivos de Educação Física do Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal da cidade de Uberaba-MG, através de uma pesquisa participante com abordagem qualitativa, foram questionados a respeito da atuação da dança na disciplina. Investigamos as facilidades, as dificuldades, os interesses e as discussões sobre o assunto. Os dados gerados foram analisados e serviram de base para a elaboração de uma apostila guia contendo dinâmicas de dança a serem aplicadas em escolas. Esse guia foi discutido, uníssono aos sujeitos, possibilitando que novas propostas de dinâmicas fossem criadas. Essas dinâmicas foram testadas nas aulas do Ensino Fundamental I, no qual os professores puderam observar variações e estratégias de melhor operacionalização das dinâmicas. Por fim, realizamos um último encontro com os sujeitos no qual o retorno pedagógico foi compartilhado e as dinâmicas reorganizadas. Como resultado, foram criadas e reestruturadas seis dinâmicas para trabalhar com elementos da dança, e uma para dança, propriamente dita, na qual elaborou-se uma coreografia. O retorno de todo trabalho desenvolvido foi positivo, visto que os professores afirmaram que após a pesquisa passaram a perceber a dança como um processo em que o aluno é protagonista e não apenas como um produto final, no qual repetem movimentos para comporem uma coreografia. Por sua vez, pontuaram também uma intensa participação dos alunos nas aulas. Os constantes diálogos entre os sujeitos atuantes na Educação Física, as propostas teóricas da educação e a dança na escola permitiram que as dinâmicas fossem construídas o mais próximo da realidade escolar e passível de aplicação em prol da dinamicidade de conteúdo que a área da Educação Física defende.

Palavras-chave: Dança. Escola. Pilares básicos da UNESCO. Elementos da dança.

ABSTRACT

The objective of this study was to create classroom dynamics for dance in physical education in elementary school guided by four basic pillars of education proposed by UNESCO, and the elements of dance to the school environment. For this, 17 effective teachers of Physical Education of elementary school of the city of Uberaba, Minas Gerais, through a participatory research with qualitative approach, were questioned about the dance performance in the discipline. We investigated the facilities, difficulties, interests and discussions on the subject. The data have been analyzed and were the basis for the development of a manual containing dynamics of dance to be applied in schools. This guide was discussed enabling that new proposals of dynamics were created. These dynamics were tested in classes of elementary school, which allowed to contribute teachers with new variations and better implementation of dynamic strategies. Finally, we conducted a last meeting with the teachers in which the pedagogical return were shared and reorganized dynamics. As a result, were created and restructured 6 dynamic to work with elements of dance, and one for dance, itself, in which we have prepared a choreography. The return of the entire work was positive, as the teachers said that, after the search, began to perceive the dance as a process in which the student is the protagonist and not just as a final product, in which repeated movements to compose a choreography, they also reported an intense participation of students in class. Continuous dialogue between the acting subjects in physical education, the theoretical proposals of education and the dance in school allowed the dynamics were built as close to the school reality that can be applied in favor of the dynamics of content that the area of physical education defends.

Keywords: Dance. School. UNESCO basic pillars. Elements of dance.

FIGURAS

1 - Etapas da Pesquisa	35
2 - Apostila e CD produzidos para o encontro com os professores.....	55
3 - Dinâmica do Elástico	59
4 - Dinâmica do Barulho	61
5 - Dinâmica da Venda	63
6 - Dinâmica do Cânone	65
7 - Dinâmica do Esporte	67
8 - Dinâmica dos Objetos	69
9 - Dança da História	71
10 - Momentos durante o Encontro com os Professores	75
11 - Registro das aulas de alguns Professores.....	79

QUADROS

1 - Elementos do movimento dança	27
2 - Em qual Momento utiliza a dança em suas aulas de Educação Física?	40
3 - Facilidades para o trato da dança	43
4 - Dificuldades de aplicação da dança	45
5 - Temas a serem abordados em um curso	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 A DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	15
2.2 A UNESCO E OS QUATRO PILARES BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO	19
2.3 COMPREENDER A DANÇA PARA APLICÁ-LA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	25
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	33
3.1 LOCAL, SUJEITOS E ETAPAS DA PESQUISA.....	33
3.2 TÉCNICAS USADAS NA COLETA DE INFORMAÇÕES	36
3.2.1 Instrumentos de coleta das informações	36
3.3 PROCEDIMENTOS DAS COLETAS	37
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	38
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
4.1 DIAGNÓSTICOS DA REALIDADE	39
4.2 REFLEXÃO E ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	54
4.3 ENCONTRO PARA DIÁLOGO E FORMATAÇÃO PRELIMINAR DA PROPOSTA	55
4.4 RETORNO PEDAGÓGICO.....	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	90
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DADOS DO PROFESSOR.....	90
ANEXOS	91
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	91

1 INTRODUÇÃO

Não há dúvidas quanto à dedicação que devemos ter quando optamos e escolhemos uma profissão. Atuar em uma determinada área implica em esforços, doação e missão, e ser professor não foge dessa premissa.

Como bem elenca Novoa (2004) no prefácio da obra “Experiências de vida e formação” todo conhecimento é autoconhecimento.

O professor, ao ensinar, ensina a si mesmo e sua identidade enquanto tal é influenciada por quatro aspectos: 1-Reflexão sobre seus percursos pessoais e profissionais; 2-Relação com os outros; 3-Intermediação com as coisas; 4- Compreensão crítica (NOVOA, 2004). Pude perceber que estas interfaces conduziram-me a esse trabalho, afinal, a dança das aulas de Educação Física escolar passou a ser a minha busca profissional de forma crítica.

Ao refletir sobre o primeiro aspecto, entendi e senti que gosto de trabalhar com as crianças e de movimentar o meu corpo. Desde muito cedo a vida me conduziu a esse gosto. Com apenas 14 anos de idade estava dentro de uma escola, não somente como aluna, mas também como professora de dança. Aos 17 anos realizava substituições de professores de Educação Física. Não por menos, dois anos seguintes ingressei na graduação nessa área.

Neste universo escolar pude vivenciar momentos construtivos, observar e conhecer algumas escolas e muitos professores. Paralelamente a esses trabalhos mencionados também participava de aulas de *ballet* e *jazz* em academia, ora como aluna, ora como professora. Nesta relação com os outros, pude ampliar minhas possibilidades de enxergar a mim mesma, assimilar o novo, refletir em minhas emoções, atingir determinada consciência e a desconsiderar atos/ações que não atendiam as minhas crenças na dança.

O gostar do movimento e das crianças ampliou-se durante os anos vindouros. No ambiente não-formal de ensino de dança (academia), as aulas que presenciei em todas as suas vicissitudes, ampliaram significativamente a minha percepção em dança. Incorporar a dedicação necessária para uma elaboração coreográfica, compreender que a técnica estava a serviço da fluidez de quem dança, as vivências nas viagens, festivais, oficinas diversificadas de dança e expressão corporal, foram o canal de significações, com uma influência ímpar, na minha intermediação no processo de formação profissional e pessoal.

Na escola, a realidade era diferente. Compreendo que é preciso organizar conteúdos e processos a cada ambiente e sujeitos, mas defendo que não se pode perder a especificidade, ou

seja, perder de vista os fundamentos essenciais da manifestação corporal que se propõe a ensinar.

Então, deparei-me com o quarto aspecto da formação de professor: a compreensão crítica. Esses anos de atuação na escola instigaram-me algumas questões: Por que os professores de Educação Física não trabalhavam a dança em suas aulas? Por que a dança era trabalhada apenas como apresentação em datas comemorativas, principalmente nas festas juninas? Por que trabalhos com desenvolvimento dos elementos da dança eram negligenciados em prol de uma coreografia regrada, pronta e imposta?

Percebia colegas de trabalho fugindo da tarefa de ensinar a dança, seja pela falta de experiências anteriores, seja pela pouca ou nenhuma vivência no ambiente do ensino superior. No entanto, corroboro com autores da área que apresentam a dança (e tantos outros conhecimentos) como pertinente a ser implantada na escola, e incentivam o professor a buscar meios de oferecê-la (FREIRE, 1989; KUNZ, 1994; BRASIL, 1997; EHRENBURG, GALLARDO, 2005; BARRETO, 2008; VERDERI, 2009).

Esses questionamentos e vivências me instigaram a buscar a pesquisa para compreender melhor e colaborar de alguma forma para efetivação da dança no contexto da Educação Física e que vá ao encontro da realidade dos professores.

Nessa busca pela pesquisa refleti e compreendi que a formação inicial nos fornece alguns subsídios para ministrarmos os conhecimentos dentro da Educação Física, mas é necessária a continuidade na busca de capacitação sobre os mesmos. Ora, ao aluno não se deve ser oferecido apenas o assunto de interesse e segurança do professor. É preciso diversificar, oportunizar e ampliar o conhecimento de toda uma área.

A dança se torna o foco da pesquisa, vale esclarecer que denominamos a mesma como conhecimento da Educação Física.

Segundo Libâneo (1990) a Educação Física é uma disciplina como as demais existentes no espaço escolar e os conteúdos são um dos componentes que o professor tem para sua prática de ensino. Nestes estão compostos os conhecimentos, como base para a execução do propósito que se quer alcançar dentro dos conteúdos.

Apoiamos essa ideia e denominamos aqui a dança como conhecimento e base para a aplicação dos objetivos propostos na área, no qual “[...] o trato com o conhecimento corresponde à necessidade de criar as condições para que se deem a assimilação e a transmissão do saber escolar [...]” (SOARES, 1992, p. 18).

Além do que a dança é um conhecimento, pois a mesma tem sentido, significado, contexto e principalmente objetivos. (EHRENBERG, 2003). Onde a mesma esta para consolidar a grande área da Educação Física Escolar.

Corroboramos com Ehrenberg e Gallardo (2005) quando citam que a dança é conhecimento da Educação Física e que esta deve ser trabalhada a partir dos elementos da cultura corporal, sempre levando em consideração o:

[...] conhecimento adquirido no grupo social e familiar [...] para que assim o aluno possa perceber-se e considerar-se [...] parte integrante da formação e recriação dessas manifestações culturais com as quais a Educação física trabalha passando essas a ter sentido e significado no ambiente escolar [...] (p. 123).

A identidade do aluno é composta pelos registros vivenciados durante a vida uníssona ao conhecimento prévio do mesmo sobre algum assunto. Não obstante, as aulas de Educação Física e, por sua vez, da dança, permitem que o aluno se expresse como indivíduo, se reconheça como ativo na sociedade e se perceba envolvido sem perder a individualidade. Assim, torna-se o professor peça fundamental, pois é por seu intermédio que o aluno vivencia corporalmente esse conhecimento.

Nesta pesquisa, focamos na dança como conhecimento da Educação Física, e a elencamos sob diferentes aspectos da vida humana, como: melhorias das habilidades e capacidades motoras, autoestima, relações sociais, olhar estético com movimento, criatividade, motivação, coragem, dentre outros. Estes contribuintes para uma educação permanente.

Diante de todos esses aspectos que a mesma favorece, percebemos que o conhecimento dança dentro da Educação Física no que se refere a trabalhos científicos no Brasil, ainda é insuficiente. Em uma pesquisa do estado da arte pudemos verificar que de 517 dissertações encontradas contendo nas palavras-chaves, ou título, as palavras dança, atividades rítmicas ou ritmos, apenas 4,64% estão relacionadas ao ambiente escolar. E dessas, 25% contemplam a área da Educação física (CARBINATTO, FERREIRA, FRANCO, 2013).

Nos estudos de Muglia-Rodrigues e Correia (2013) de estado da arte sobre dança nos periódicos nacionais de Educação Física foram encontrados um total de 2362 artigos, desses, 2,83% abordaram dança, e apenas 22,38% trataram do ambiente escolar.

Ou seja, no Brasil ainda são mínimas as produções nessa temática, o que pode ser uma das justificativas de modificação no cenário desta atividade na escola.

Dessa forma, acreditamos que se faz necessário voltar o olhar para a dança como conhecimento da Educação Física Escolar, uma vez que já é sabida sua relevância dentro

desse contexto, no desenvolvimento de uma educação permanente e sensível do ser humano. Essa importância está explícita em alguns documentos políticos oficiais, tais quais: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's); Conteúdo Básico Comum de Minas Gerais (CBC); Cadernos de Educação Física do Estado de São Paulo; Livro de Capacitação aos Professores de Educação Física no Projeto Segundo Tempo e livros como dos autores já citados aqui: Freire (1989); Kunz (1994); Ehrenberg, Gallardo (2005); Ferreira (2005); Barreto (2008); Verderi (2009); Nista-Piccollo, Moreira (2012); Ehrenberg, Fernandes, Bratisfische (2014).

Apesar da relevância afirmada nessas obras propostas de aula, organização didática e sugestões de trabalho parecem ser insuficientes para a implementação da dança na escola que transcenda os rituais juninos e festas de datas comemorativas. Percebemos isso, através das experiências atuais vividas pelas pesquisadoras e estudos como (MIRANDA, 1994; MARQUES, 2007; GASPARI, RANGEL, 2009) que nos situam desde há tempos sobre a dança tratada dentro das escolas apenas nas festividades.

Pautadas nas concepções de educação elencadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), intentamos, com essa dissertação, por meio da pesquisa participante, propor um caminho para as aulas de dança da Educação Física no Ensino Fundamental I que atendam aos quatro pilares básicos da educação. Isto por entendermos que estes nos fortalecem e se tornam a nossa base de aplicação pedagógica para operacionalizar a dança no contexto escolar.

Ressaltamos, porém, nosso interesse em realizar ações com a presença e diálogo dos professores, direcionando caminhos e, por tal motivo, esta dissertação prima pela construção coletiva e reflexiva de dinâmicas para concretização da dança na Educação Física.

A nosso ver, esse direcionar caminhos é apenas uma forma mais didática e direta de atender os professores a formas diferenciadas de aplicar o conhecimento dança. Longe de sermos reducionistas, apresentar e oferecer mais acessos diretos aos professores foi uma das motivações para que a presente pesquisa fosse desenvolvida.

Na primeira parte, explicitamos nossa ideia de dança dentro do contexto da Educação Física Escolar, refletimos sobre a atuação e possibilidades que a dança oferece ao desenvolvimento da criança como ser ativo no mundo.

Em sequência, apresentamos a organização e filosofia da UNESCO, os quatro pilares básicos da educação e como ela pode auxiliar na organização metodológica de aula.

E, por fim, a compreensão dos elementos que acreditamos e defendemos que compõem a dança para selecionar e aplicar o conteúdo, sobretudo distanciando o paradigma

de que elementos da dança é a dança propriamente dita ou um tipo de modalidade. Buscamos defender que são esses elementos que oferecem a base e apoio para a constituição e a assimilação de qualquer dança ou modalidade de dança que o aluno venha a escolher.

Na segunda parte discorremos o caminho metodológico. Optou-se pela pesquisa qualitativa do tipo participante, na qual pudéssemos diagnosticar a realidade dos professores de Educação Física em relação ao conteúdo dança e juntos propormos melhorias para a atuação.

Na terceira parte apresentamos a construção das dinâmicas realizadas a partir do cruzamento de dados entre a teoria estudada, os pilares básicos da UNESCO e as necessidades elencadas pelos professores da educação básica contatados.

Sendo assim, tivemos como objetivo geral propor dinâmicas de Dança para as aulas na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental I que se pautassem nos pilares da educação propostos pela UNESCO e nos elementos da dança e ainda como objetivos específicos, diagnosticarmos, junto aos professores efetivos de Educação física da prefeitura Municipal da cidade de Uberaba/MG, as facilidades e dificuldades do trabalho da dança na escola, bem como o interesse desses professores quanto a novos conhecimentos ou discussões sobre o assunto; compreendermos os elementos que constituem a dança para ser utilizada como conhecimento da Educação Física; defender os pilares básicos da Educação Para o Futuro como uma base de aplicação pedagógica para atuar com a dança como conhecimento dentro da Educação Física escolar; realizarmos a criação e reflexão de dinâmicas compostas de elementos da dança para a Educação Física escolar que atendam as expectativas dos professores, que auxilie no ensino da dança e que estes tenham como base de aplicação pedagógica os Pilares da UNESCO; e, por fim, experimentarmos as atividades propostas com os professores selecionados, estes com seus alunos, e ter o retorno pedagógico da vivência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Mergulhar o mundo da Educação Física nos faz compreender e reconhecer que o caminho percorrido até os dias atuais estão repletos de significados e ainda em construção. O que nos felicita, pois nos dá a certeza de podermos fazer parte dessa história, contribuindo para a carreira da dança dentro desse contexto.

A organização da Educação Física no Brasil se iniciou no final do século XVIII e início do século XIX e trouxe consigo influências higienista e logo após, militarista, escolanovista, esportivista, dentre outros (MONTEIRO, 2009).

A sua inserção na escola ocorreu no século XIX, mais precisamente em 1851, como sinônimo de ginástica. Em 1854 houve uma regulamentação que obrigava que homens das escolas de ensino primário participassem da ginástica e mulheres no ensino secundário, participassem da dança.

Nos próximos anos o apoio aos esportes se fortaleceu, escaldado por interesses políticos, e inicia-se uma grande tendência ao auto-rendimento. Na escola básica se sobressaiu esta influência esportivista, de eficiência e medalhista, minimizando os aspectos da saúde (educação sanitária/higienista) e aptidão física (militarista).

No final do século XX essa esportivização começa a ser questionada, e outras manifestações da cultura corporal começam a ser mais explícitas, com autores valorizando outros conhecimentos da área, como exemplo, a dança. É sabido na história da Educação Física, que até essa época pouco se discutia sobre dança e outros conhecimentos na Educação Física escolar.

Ressaltamos que nessa época, foi criada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n° 9.394/96, de 22 de dezembro de 1996, na qual a Educação Física passa ser componente curricular da Educação Básica, sendo facultativa aos cursos noturnos. Esse movimento é fortalecido pela criação do documento oficial PCN no ano de 1997, visando oferecer um apoio ao trabalho dos professores (documento este questionado devido à falta de sensibilidade por oferecer uma única orientação aos professores que atuam em diferentes realidades, como cita Ehrenberg, 2008).

Evidenciamos ainda que, no século XXI, no ano de 2001, com a Lei n° 10.328, de 12 de dezembro, foi introduzida a palavra “obrigatório” no que se refere à Educação Física como

componente curricular, explícita na Lei nº 9.394/ 96 citada anteriormente, o que a fortaleceu no âmbito escolar.

Todo esse movimento propiciou uma discussão na área da Educação Física, abrindo novos espaços para conhecimentos como a dança que defendemos que deve ser implantada com criticidade, fundamentação e conscientização.

Acreditamos que a dança no contexto da Educação Física deve ser trabalhada de forma dinâmica, dando prioridade aos seus elementos, para que, a partir deles, outros saberes se desenvolvam.

Parte dessa ideia nos remete o ensino da dança na escola está de acordo com entendimento de Vargas (2007, p. 57). “O ensino da dança na escola, no nosso entendimento, não deverá fixar-se na formação de bailarinos, mas estar relacionado imediatamente com a vida das crianças e adolescentes [...]”.

A dança dentro da Educação Física não deve ter como objetivo a formação de bailarinos e, para isso, não há necessidade de fixar o ensinamento em uma modalidade e técnica específica. Nesse contexto, a dança não deve se ocupar somente com a beleza estética e sincronia. Sua disposição deve ser para novas metodologias de ensino, sem imposição ou reprodução de movimentos, nos quais os alunos possam participar de forma ativa, criativa e construtiva, dando oportunidade para que explorem os movimentos e expressões que seus corpos são capazes de realizar, transformando-os em habilidades, conhecendo seus limites, envolvendo suas vidas e aprendendo a conhecer, fazer, conviver e viver.

Em se tratando da nossa defesa em relação à forma de ensinar a dança dentro das aulas de Educação Física, sendo a mesma realizada a partir das vivências adquiridas por cada criança em seu contexto familiar e social, de forma crítica construtiva e participativa. Para nós é imprescindível lembrar aquele que lutou pelo movimento espontâneo sempre fazendo a junção da consciência humana sem dicotomia entre corpo e espírito, fazendo da dança sempre um meio de educação, Rudolf Von Laban é este que merece ser lembrado.

Criou vários centros de pesquisa buscando o retorno aos movimentos naturais na sua espontaneidade e riqueza, e na plena vivência consciente de cada um deles, a acarretar um desenvolvimento amplo e profundo de quem o pratica. (LABAN, 1978, p.9).

A partir de Laban, vários autores começaram a pensar a dança fora do caráter mecânico, é o que nos faz corroborar com Ehrenberg e Gallardo (2005), os quais afirmam que devemos abandonar o velho conceito de somente reproduzir os movimentos impostos pelo

professor, sem consciência do agir, se não ainda estaremos vivenciando uma Educação Física de movimentos mecânicos.

Entendemos que, nas aulas de Educação Física, o professor tem à sua disposição a dança como conhecimento para trabalhar a ação corporal, mais que isso, tem a dança para trabalhar, também, a expressão de sentimentos e emoções, pois é na fase escolar que as crianças e os jovens estão se reconhecendo como seres existentes e com possibilidades de atitudes no mundo, e por isso, necessitam vivenciar diferentes formas de comunicação, não apenas rigidamente sentados em suas carteiras despertando o conhecimento da leitura e escrita, com visão dicotômica. Precisam lidar com diversas formas de aprendizagens e sentimentos para que a confiança e a ação caminhem positivamente em suas vidas.

É preciso compreender nossos alunos não como objetos e sim sujeitos ativos, íntegros, vivos na sociedade, como seres globais.

Essa separação se faz sentir na Educação Física até os nossos dias, tanto na sua prática pedagógica como nas ciências que a embasam. Estas últimas se constituem em campos estanques, que não se intercomunicam: cada uma trata do corpo sob sua perspectiva, como se esta fosse absoluta, ignorando a globalidade do homem. (GONÇALVES, 2007, p. 51).

O autor reflete sobre esta ideia de corpo que ainda está ativa em lugares como na Educação Física, tornando seus responsáveis, hoje, os professores, grandes sujeitos em potencial para transformar essa realidade.

A Educação Física, como um componente curricular, é responsável por essa transformação do sujeito e acreditamos na dança como conhecimento favorável a essas transformações.

Elevamos a importância de compreender a dança na Educação Física e esta abarcada na educação para que se unam a favor dessa globalidade do homem. Uma vez que percebemos este conhecimento como favorável no processo de formação e humanização das crianças e jovens, despertando nestes o sensível, fazendo-os ficar cada vez mais distantes dessa dicotomia.

Corroboramos com Ehrenberg e Gallardo (2005, p. 114) “[...] O necessário é reconhecer que fazemos parte desta realidade e considerar que estamos fazendo história a cada dia, que construímos os significados de nossas vidas a cada aula e talvez a cada nova composição coreográfica”. É necessário percebermos que fazemos parte dessa realidade de mundo e que a cada instante estamos construindo parte de nossa história, em nosso EU. Através dessas experiências corporais, do corpo em contato com o todo, vivenciando a sensibilidade e a descoberta de si mesmo através do verbo dançar.

A dança como elemento do verbo de ação e conhecimento, tratada pelo professor, visa o desenvolvimento do ser humano na realidade. Através da dança pode-se atingir uma gama de experiências e permitir:

[...] que a criança evolua quanto ao domínio do seu corpo, desenvolvendo e aprimorando suas possibilidades de movimentação, descobrindo novos espaços, novas formas, superando suas limitações e condições para enfrentar novos desafios quanto aos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos. (VERDERI, 2009, p. 68)

Diante do desenvolvimento e aprimoramento dessas possibilidades de movimentação, a dança deve propiciar e permitir que todos vivenciem e sintam a evolução, organização e construção de si mesmo e dos que estão a sua volta, seja na escola, na família ou no meio social. Faz-se imprescindível recordar que cada pessoa tem sua expressão particular, interagida e enriquecida pelo meio ambiente e totalmente vinculado ao social e cultural.

Ao desenvolvermos uma proposta educacional no que se refere à dança, é necessário partir do pressuposto de que os envolvidos nesta aprendizagem já possuem uma linguagem própria, construída ao longo das experiências adquiridas em seu dia a dia. Esta construção é social porque ocorre por meio de uma relação estabelecida com o meio ambiente do indivíduo (família, amigos, escola, igreja, clube). (UGAYA, 2007, p. 26).

A mesma autora adiciona em outra obra: [...] e cultural porque são produções humanas elaboradas em diferentes contextos e épocas (idem, 2011, p. 69).

Não podemos desconsiderar que cada indivíduo tem sua particularidade, incorporada aos meios sociais e culturais em uma práxis dialética, durante todo processo de formação, visto que estamos em constante aprendizado. Abarcamos a Educação Física, capaz de instigar a transformação e formação positiva das crianças e jovens que são parte determinante do futuro da humanidade.

Para Gonçalves (2007, p. 167) a Educação Física tem um papel importante na “[...] formação do homem, como um ser integral e um agente de transformação social [...]”. Os conteúdos devem ser explorados com foco de colaborarmos positivamente na formação do homem.

A dança, dentro desse contexto da Educação Física, de forma crítica, assim como outras formas de cultura do movimento, pode inserir o aluno na sociedade, e o fazer compreender a si mesmo e seu potencial de transformar (EHRENBERG; GALLARDO, 2005).

Verderi (2009) não nos deixa esquecer o compromisso que professores de Educação Física devem ter na formação dos alunos, isso inclui propiciar situações favoráveis a construção do conhecimento.

Esse compromisso está vinculado não apenas a um conhecimento que desenvolva essas situações, mas em permitir que os conhecimentos diversos da área sejam vivenciados e influenciem os alunos nesse processo de construção de conhecimento. Estamos evidenciando a dança, pois além de identificarmos com a mesma, somos cientes de seu valor como parte de uma educação permanente necessária na escola.

Defendemos que a dança contribui e faz parte de uma educação permanente. O aluno usufrui desse conhecimento, também como meio, para adquirir o hábito de estar sempre em aprendizado, uma ferramenta para lidar consigo mesmo e o mundo.

A dança provoca o novo, instiga as habilidades e provoca superação. Ao passar por tudo isso o indivíduo a integra e esta se torna parte de sua construção de conhecimentos e atitudes. É o que nos diz Gaio et al. (2010, p. 41) sobre a educação permanente: “quando nos habituamos a uma determinada situação, na qual vencemos dificuldades, temos o prazer de realizações e incorporamos o conhecimento para a vida, podemos viver com mais sabor, transformando conhecimento em sabedoria”.

Percebemos isso como parte da educação do ser humano, e que a escola deveria fortalecer a presença desse conhecimento, para que favoreça aos alunos este ser habilidoso, sensível e humano. Inclusive Cunha (1992) diz que a dança possui características, valores e finalidades eminentemente educativas, por isso ela deveria integrar os currículos escolares desde a pré-escola até a Universidade.

Firmada a importância da dança dentro da Educação Física, no qual também é elencada como educativa, incluímos um alerta de Gonçalves (2007) que nos diz que o objetivo primeiro da Educação Física é levar o homem a viver com plenitude sua corporalidade, em sua abertura para o mundo.

Por conseguinte, a Educação Física comprometida com a expressão do corpo como linguagem, e ainda uma educação do homem integral tem a dança como conhecimento pertinente a esses objetivos sempre considerando uma evolução para ações libertadoras e benéficas que perpassa por dimensões pessoal, social e cultural.

2.2 A UNESCO E OS QUATRO PILARES BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO

Só podemos pensar em mudanças nas nossas atitudes, valores e premissas quando mudamos os nossos paradigmas, pois estes focam nossos olhares para a forma como lidamos

não só com a educação, mas com tudo o que concerne à vida, como a economia, a política e a tecnologia (WHITEHEAD, 1967; THIESEN, 2008).

Na educação, dentre os paradigmas educacionais que emergiram e foram passíveis de intensa discussão, está o relativo ao saber (MORAES, 2010) que passou a incorporar a dialógica entre ordem e desordem e que, ao invés de tentar responder todas as questões que o mundo apresenta, dialoga com este o tempo todo, mesmo que caminhando sobre incertezas. Em suma, distingue mas não separa o que é distinto e respeita as dimensões da realidade antropossocial (MORIN, 2000b).

Destarte, a educação considera, então, como essencial

a arte de organizar seu próprio pensamento, de religar e, ao mesmo tempo, diferenciar-se. Trata-se de favorecer a aptidão natural do espírito humano a *contextualizar* e a *globalizar*, isto é, a relacionar cada informação e cada conhecimento a seu contexto e conjunto. Trata-se de fortificar a aptidão a interrogar e a ligar o saber à dúvida, de desenvolver a aptidão para integrar o saber particular em sua própria vida e não somente a um contexto global, a aptidão para colocar a si mesmo os problemas fundamentais de sua própria condição e de seu tempo (MORIN, 2001, p. 21).

E como pensar a dança no contexto educativo? Pensar a dança como conhecimento da Educação Física escolar é quase que unanimidade na área. O desafio, no entanto, é elucidar propostas de sua implantação que se esforce em pensa-la globalmente, sem perder de vista suas particularidades. É, pois, entender melhor a relação entre o todo e as partes que constituem uma realidade (GOLDMAN, 1979) e, sobretudo, alicerçada nas necessárias mudanças paradigmáticas da área.

Para assumir a realidade em toda sua complexidade é preciso ter uma “visão da realidade que transcenda os limites disciplinares e conceituais do conhecimento” (OLIVEIRA, 1989, p. 07 apud MORESCO, 2002, s/p).

A “hierarquização de conhecimentos” a ser abordada na dança, por exemplo, deve dar espaço para a “democracia cognitiva”, na qual todos os saberes e conhecimentos são igualmente importantes para o entendimento de um problema, fenômeno ou objeto de estudo (D’AMBRÓSIO, 1997). Ou seja, não importa se voltada para o ensino do ritmo, ou para o ensino de composição coreográfica, todos os elementos e conhecimentos a ele inerentes passam a ser importantes.

E mais, busca-se a participação, a busca pelo espírito criativo e a formação de um sujeito que relacione, articule e questione a realidade a ser tematizada na aula.

Talvez, possamos destacar que o maior desafio educacional seja a formação que leve à autonomia pessoal e intelectual e que busque ações que transformem a realidade (BEHRENS, 2008; OSBERG, 2005; ANTÔNIO, 2002).

Para tanto, faz-se necessário contextualizar o que se ensina e o que se aprende, construir pontes entre os diferentes conhecimentos, criar diálogos e recuperar o sujeito da cultura e da história, enfim, como salienta Antônio (2002), ressemantizar a inteligência.

Ao alicerçar nosso pensamento nas concepções de educação da UNESCO, encontramos caminhos para superar a fragmentação e a linearidade, tanto do processo quanto da produção de conhecimento de dança dentro da escola.

A UNESCO tem sua sede em Paris (França) e seu surgimento ocorreu no ano de 1945, uníssono ao fim da II Guerra Mundial com o objetivo principal de promover a paz e segurança em todo mundo por meio da Educação, Ciência e Cultura (ANTUNES, 2010).

Em 1990 na cidade de Jomtien (Tailândia) a UNESCO promoveu a Conferência Internacional sobre Educação, com o intuito de compreender o fenômeno da globalização e provocar no campo da educação, mudanças que acompanhassem esse processo.

Elencava-se que crescimento da tecnologia permitiu o acesso rápido a uma quantidade imensa de informação sobre determinado tema, sucumbiu à relação entre a individualidade e identidade nacional.

O estabelecimento de diferentes tipos de elos entre fatos, objetos, acontecimentos e conceitos desencadeia modificações de comportamentos e contribui para a utilização do que é aprendido em diferentes situações, especialmente quando da relação daqueles às experiências anteriores e vivências pessoais dos alunos (AUSUBEL, 1973).

Tornou-se imprescindível ressaltar que aprender é uma experiência integradora, em que uma mudança de comportamento, conhecimento ou entendimento é incorporada ao repertório existencial de comportamentos e esquemas da pessoa (valores, atitudes e crenças) (HASE; KENYON, 2007).

Portanto, a educação deveria primar pela autonomia do educando, entendida como fundamental para a cidadania, pois permite a exercitação da subjetividade – desejar, pensar e optar (MACEDO, 2002). Esse tripé permite ao novo cidadão a capacidade de inserção social crítica/transformadora na sociedade em que vive. Com certa ousadia, o referido autor acrescenta a necessidade de derrubar o “narcisismo intelectual competitivo”, sendo, pois, preciso que os docentes incentivem a inteligência parceira, que se alimenta do gosto da prática da dialogicidade e dialeticidade humanamente majorante. Afinal, o processo ensino e aprendizagem é radicalmente um processo aberto e argumentativo (BIESTA, 2009;

THIESEN, 2008).

Como experiência social, o processo de ensino e aprendizagem, que visa à cidadania, deve “ensinar a dividir, a comunicar, a comungar com o outro, a compreender o outro na sua especificidade e unidade, por meio do autoconhecimento, do exercício de autocrítica, dos sentimentos de solidariedade e de responsabilidade” (SILVA; CAMILLO, 2007, p. 409).

Por sua vez, em 1990, criou-se a “Declaração Mundial sobre a Educação para Todos” que tornou oficial a ideia de preparar e instruir o aluno para viver o futuro independente do lugar que estivessem e torná-los cidadãos do mundo.

Em 1999 houve a editoração de um relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, cuja coordenação de Jacques Delors levou a publicação do livro “Educação: Um Tesouro a Descobrir”.

Neste, apontam-se para a discussão conjunta sobre as interferências entre cada aspecto do mundo: desde os impactos ambientais da industrialização até a rapidez de comunicação entre os povos. A educação deveria passar a pensar que “a produção local do conhecimento é, ao mesmo tempo, a sua produção global e vice-versa” (STOER; MAGALHÃES, 2003, p. 13).

A educação afetada direta e indiretamente pelas mudanças, tem uma tarefa essencial que é “[...] preparar cada indivíduo para compreender-se a si mesmo e ao outro, por meio de um melhor conhecimento do mundo e ajudar a transformar a independência real em solidariedade desejada [...]” (DELORS, 2012, p. 40). Ainda, é preciso a reforma do pensamento em direção à contextualização, articulação e interdisciplinarização (THIESEN, 2008; MORIN, 2005; ANTONIO, 2002).

À educação fica a tarefa de provocar o sentido crítico diante das informações através de conhecimentos adquiridos e auxiliar que os futuros cidadão consigam criar juízos de valores diante de tudo que existe e que surge, que se tornem seres independentes e uno ao ambiente:

A compreensão desse mundo passa, evidentemente, pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu meio ambiente. Não se trata de acrescentar uma nova disciplina a programas escolares já sobrecarregados, mas de reorganizar os ensinamentos de acordo com uma visão de conjunto de laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente [...]. Essa formação poderia, igualmente, ser colocada ao dispor de todos os cidadãos, na perspectiva de uma educação que se estenda ao logo de toda a vida. (DELORS, 2012, p. 40)

Percebe-se nesse momento, que a reflexão em prol de uma educação permanente é destacada como importante e que o gosto pelo aprender deve se tornar rotina na vida das pessoas.

Esta organização destaca também reflexões a respeito do trato que a educação deve com o indivíduo em relação as suas raízes, no qual o aluno deve ter conhecimento sobre suas origens e respeitar as diferenças de raças, credos, crenças, origens. Ademais, a UNESCO compreende serem as políticas de educação devedora de mostrar de forma mais clara a responsabilidade da educação na edificação de um mundo mais solidário.

De algum modo, a educação deve ajudar a nascer um novo humanismo, com um componente ético essencial e grande abrangência, dedicado tanto ao conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações quanto ao respeito por eles, para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspectos econômicos ou tecnicistas. (DELORS, 2012, p. 42).

O processo ensino e aprendizagem, pautado em paradigmas de verificação quantitativa, focados em conceitos fechados, memorização e distanciamento de conteúdos à realidade em que se insere, apresentou uma aprendizagem mecanizada e não significativa. (ZABALA, 2002; MACEDO, 2002; CHARLOT, 2002).

Conhecimento longe das realidades individuais e sem a vivência prática ou contextualizada com a sociedade dificultam “[...] a imaginação, a aptidão para comunicar-se, o gosto pela animação do trabalho em equipe, o sentido do belo, a dimensão espiritual e a habilidade manual” (DELORS, 2012, p. 46).

É preciso que as singularidades inerentes ao ser humano sejam desveladas na escola, ou seja, “[...] o ensino [...] deve esforçar-se em valorizar a originalidade, apresentando opções de iniciação às diversas disciplinas, atividades ou artes, confiando essa iniciação a especialistas que transmitam aos jovens o seu entusiasmo e que expliquem as suas próprias opções de vida. [...]” (DELORS, 2012, p. 47).

Ao professor fica a tarefa de envolver o aluno em sua aula e oferecer subsídios para que cada aluno se situe no mundo, reconheça suas ações e tenha audácia e confiança em dirigir seu próprio destino.

Para que cada ser humano seja respeitado dentro de seus limites e que os mesmos respeitem a natureza e tudo o que nela habita, este é o modelo de desenvolvimento que a UNESCO prega.

Por fim, a organização apresentou, em virtude da comissão de 1999 os quatro tipos de aprendizagem que são fundamentais para a vida do ser humano, denominado como “Os quatro pilares da Educação”, quais sejam:

- 1- Aprender a conhecer – Implica em fazer com que o aluno desenvolva sua capacidade de raciocínio lógico, fazendo-o estar atento a tudo e a todos,

compreendendo o que passa ao seu redor, trabalhando seu pensamento tanto no que se refere à intuição, dedução e a memória que deve ser ativada desde a infância, visto que a cada segundo existem facilidades nas informações através dos meios de comunicação social. Faz-se necessário motivar os alunos a sempre quererem aprender, conhecer mais, de maneira que este aprendizado crie raízes em cada indivíduo e que o conhecer faça parte do seu ser e não apenas momentaneamente. A educação permanente.

- 2- Aprender a fazer – Esta aprendizagem se refere à prática do que foi teorizado. Não se refere, apenas, o praticar material, que inclui ferramentas, ou seja, o fazer através de instrumentos, mas está envolvido neste momento a prática da capacidade de comunicação, de resolver incompatibilidade de ideias, entender informações, unir equipes através de liderança. É a práxis agindo desde a infância até o momento da formação profissional, que é mais um objetivo dessa aprendizagem. Proporcionar a capacidade dessas atitudes.
- 3- Aprender a viver com os outros – Esta é a aprendizagem que trabalha com os valores humanos, reflete sobre atitudes e ativa a consciência do indivíduo. Resume-se em dois princípios: A descoberta do outro e a participação em projetos comuns, ou seja, se colocar no lugar do próximo e perceber a situação. A escola tem um papel fundamental na vida do ser no que se refere a essa socialização. É necessário desde criança aprender a criar empatia com os outros e compreender as diferenças, motivos estes que causam tantas desavenças e violências entre os adultos. Os professores precisam fazer o papel de mediadores de conhecimentos e informações, proporcionando sempre aos alunos um espírito crítico e abertura para compreender o outro e, assim, cada indivíduo se compreenda e aceite o momento em que vive cada grupo ou nação. É dito também que a participação em projetos comuns fazem desaparecer preconceitos e a hostilidade e proporciona a cooperação e a amizade, pois quando se tem objetivos comuns em ambientes diferentes do cotidiano, como consequência se cria valores e não diferenças. Ao contrário de um indivíduo que entra em contato com membros de grupos diferentes, a probabilidade de gerar conflitos, tensão e competição é inevitável.
- 4- Aprender a ser - Seria o desenvolvimento por completo de uma pessoa no que se refere à evolução espiritual, corporal, intelectual e moral. É a responsabilidade pessoal de cada ser. A educação tem um papel fundamental e mostra o caminho para cada indivíduo formular seus juízos e valores bem como apresentar

pensamentos independentes e críticos, discernimento e saber lidar em diferentes situações da vida. A escola necessita dar liberdade aos alunos para que sonhem, usem a imaginação, se tornem sensíveis e desenvolvam seus talentos para que sempre estejam no processo de evolução humana.

Essas proposições buscam apontar o ato da educação em todas as dimensões: intelectual, emocional, social, física, profissional, artística e espiritual. Ou seja, é preciso que busquemos valores na educação em que o processo ensino e aprendizagem possam centrar-se no discurso reflexivo e não calcado em conceitos fechados de um conteúdo específico (MOREIRA *et al.*, 2008).

Visto que esses pilares são integrais, todos são estimulados e desenvolvidos ao mesmo tempo. Há entrosamento e troca, que deve continuar a acontecer ao longo de toda existência, ultrapassando os portões das escolas.

Os membros da comissão compreenderam que seria indispensável, para enfrentar os desafios do próximo século, atribuir novos objetivos à educação e conseqüentemente, mudar a ideia que se tem de sua utilidade. Uma nova e mais ampla concepção de educação deveria fazer que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isso pressupõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para se obter certos resultados (saber – fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda sua plenitude: a realização da pessoa que, na sua totalidade, a prende a ser. (DELORS, 2012, p. 74).

Essa educação humanizadora e humanizante, perpassaria ainda as premissas das diferenças (criatividade; livre expressão e descoberta); da socialização (comunicação interativa, diversidade de experiências despertadas); do respeito (as singularidades e particularidades), todas formando o elo construtor do processo ensino e aprendizagem (MOREIRA *et al.*, 2008).

Então, pautados neste ideal de educação, pensamos a dança no contexto da Educação Física e partimos para a análise dos fundamentos essenciais para a criação de dinâmicas possíveis nas aulas que propõem o ensino daquela.

2.3 COMPREENDER A DANÇA PARA APLICÁ-LA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Uma das maneiras da dança apresentar-se no contexto da escola é pelas aulas de Educação Física, mas sempre ficam perguntas. A dança esta sendo trabalhada nas aulas de

Educação Física? O que trabalhar de dança na Educação Física? Existe algo de específico da dança ou alguma modalidade que deve ser trabalhada neste contexto?

Estudos como de Lara e colaboradores (2008) aponta que a dança não esta presente na escola e que a mesma como conhecimento da Educação Física não tem respaldo teórico. Já Ehrenberg (2003) diz que a dança está presente na escola, mas apenas como reprodução de movimentos rítmicos, utilizada apenas nas datas comemorativas e sem participação ativa dos alunos. A autora destaca também que as construções coreográficas são realizadas através da escolha de uma música onde o professor cria sequências que envolvam o tema festivo e os alunos apenas copiam.

Não estando confortáveis com essa realidade para as aulas de Educação Física focamos na pergunta: Qual alicerce relacionado à dança a Educação Física deve ensinar?

Inicialmente reafirmamos a crença que esse contexto não é o lugar de exigir movimentos perfeitos, sincronizados e com habilidade técnica, muito menos que os alunos sejam objetos de treinamento. Não que sejamos contra a técnica, mas sim contra a didática tecnicista e a exacerbação de formas retidas de movimento. A escola é o lugar de possibilitar a vivência do movimento dança, mas que busque a valorização as técnicas que harmonizem as formas de expressão, comunicação, desenvolvimento motor, autoconhecimento, conhecimento de si, e estes em relação ao meio.

É a técnica que precede e possibilita a criatividade e a inovação. A criatividade será uma espécie de estado de graça, de harmonia e perfeição, um sopro de inspiração que responde a uma ordem e a uma voz que vem de dentro, mas que só resulta quando a técnica se instala como uma segunda natureza [...]. A técnica é uma condição acrescida e aumentativa; não serve apenas a eficácia, transporta para leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão do encanto. Sem ela não se escreve poemas, não se compõe melodias, não se executam obras de arte, não se marcam gols, não se conseguem cestas e pontos, não se pode ser bom e ofícios e mister. (MOREIRA, 2006, p. 157).

Percebemos essa técnica “além da eficiência mecânica, a técnica dos movimentos (técnica corporal em geral) deve permitir elaborar um movimento eficaz simbolicamente, isto é, que atenda as características de seu contexto sociocultural” (MAUSS, 1993 apud BORTOLETO, 2008, p. 179).

No contexto de atuação da Educação Física, a dança como conhecimento não possui um manual do que é o ou não definitivo de se aplicar.

Percebemos que neste âmbito se faz necessária uma técnica que possibilite primeiramente ensinar os inúmeros elementos da dança para que seja possível atingir o estilo que se pretende ensinar ou aprender posteriormente.

Corroboramos com Graber e Woods (2014) e identificamos com seguimento do estudo citado onde visualizamos alguns elementos para que a dança tenha nexos, aconteça de forma lógica e harmônica na escola. As autoras apontam que o elemento que se movimenta e cria é o **corpo**, vamos além, é nossa maior representação no mundo, portanto, ele se torna destaque e é visto nesse meio como o mais relevante. E, nesse sentido, é necessário que se conheça o corpo e fique atento a cada movimentar, movimento este, que exige **espaço**. Além disso, “cada movimento do corpo depende de **esforço**” (GRABER, WOODS, 2014, p. 239). Por fim, as **relações** interpessoais e pessoal, o aprender a conviver consigo, com um, dois, ou o grupo de colegas é o que defendemos como sustentação para se compor e ensinar a dança na escola.

Quadro 1 - Elementos do movimento dança

CORPO	ESPAÇO	ESFORÇO	RELAÇÕES
PARTES DO CORPO: cabeça, tronco e membros.	LOCALIZAÇÃO: espaço pessoal e espaço geral.	TEMPO: rápido e devagar. (Ritmado)	OBJETOS OU OUTROS: entre, dentro, fora, ao redor, através, na frente, atrás, ao lado, sob, sobre, em cima, fora, transversal, acima e abaixo.
FORMAS: curvado, torcido, estreito, amplo, simétrico e assimétrico.	DIREÇÕES: para frente, para trás, para cima, para baixo, direita, esquerda, sentido horário e sentido antiorário.	FORÇA: forte e leve.	DUPLAS, TRIOS, GRUPOS: liderar, seguir, juntar-se, separar-se, imitar movimentos.
LOCOMOTORES: caminhar, pular, saltitar, deslizar, galopar e saltar.	NÍVEIS: baixo, médio e alto.	FLUIDEZ: contida e livre.	CONSIGO MESMO: momento da criação de movimentos individuais, dança solo.
NÃO LOCOMOTORES: inclinar-se, balançar, girar, virar, curvar-se, alongar, afundar, empurrar, puxar e sacudir.	ROTAS: linha reta, curva, zigue-zague.		COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA: combinar e criar movimentos.
EXPRESSÃO: facial = corporal/de sentimentos e emoções	EXTENSÕES: longe e perto.		

Fonte: Graber e Woods (2014) adaptado pela autora.

O corpo

Quando pensamos em dança, fazemos imediatamente uma ligação com corpo, pois este é a representação máxima de nossa forma de estar no mundo, carregado de expressão de sentimento e emoção. A dança colabora com as expressões e emoções, possibilitando conhecê-las e lidar com as mesmas nas diferentes situações que a vida oferece.

Para que essa a dança ocorra de forma significativa, é pertinente que estejam cientes da função de cada **parte do corpo**, segundo o que se pretende.

Portanto, trabalhar com as crianças a consciência de qual parte do corpo se movimenta, para onde e para que, assim evita que o movimento fique automático, como o ato de caminhar no cotidiano.

Com o corpo, aquele que dança pode se mover de diferentes **formas** (curvado, torcido, estreito, amplo, simétrico e assimétrico) e ainda, pode criar várias formas em solo ou em grupos. A forma que o corpo possui pode ser manipulada em uma dança, quando este posiciona em diferentes direções, como quando é visto de lado, de costas, de frente, de cima para baixo.

Para criação de uma dança, temos a disposição diferentes movimentos, **locomotores e não locomotores** que podem ser utilizados isoladamente, como em uma dinâmica de aula para compreender melhor a movimentação, ou ainda, em combinações para criação de uma coreografia, o que possibilita o aluno se movimentar através de corridas, saltos, pulos, giros, dentre outros (locomotores) e ainda, podem interromper esses movimentos realizando inclinações, balanços, empurrões, dentre outros (não locomotores).

Tanto o trabalho isolado com dinâmicas quanto a combinação destas em uma coreografia ou sequencia, permitem ao aluno conhecer e criar interpretações de movimentos, desenvolvendo habilidades e lembrando que junto a estes se deve sempre incluir as **expressões** e as **emoções** como inteligências a serem desenvolvidas e controladas.

Espaço

O espaço é exatamente aquele em que uma dança se registra. É o lugar que se ocupa para demonstrar as expressões, emoções, movimentos, esforços e possibilidades de relações. Quanto mais se conhece um espaço, mais afinidade e segurança se possui para ocupá-lo até as extremidades.

Sua **localização** está em todo lugar, ou em todo lugar que se tem disponível para dança, denominando este de espaço geral. Existe um espaço que está mais próximo de cada

pessoa, denominado de espaço pessoal, situado em volta de cada um, com sua delimitação estipulada pela distância que os braços e pernas conseguem alcançar.

É importante que em dinâmicas para dança se explore o espaço geral, o espaço pessoal e se identifique o espaço pessoal uns dos outros, para que, assim, todos possam respeitar a si mesmos e aos próximos, conhecendo seus limites.

Nesse espaço da dança o aluno pode se movimentar em diferentes **direções**, as quais oferecem um caráter estético na dança, combinado com movimentos fluidos, contínuos que transformam em desenhos coreográficos. Existem direções diversas, são elas: para frente, para trás, para os lados, para cima, para baixo, direita, esquerda e sentidos horário e antiorário.

Essas direções sendo diversos podem ser realizadas nos **níveis** baixo, médio e alto. O nível baixo corresponde à área do joelho até os pés; na dança, alguns movimentos que utilizam esse nível são o ato de rolar, agachar e rastejar. O nível médio é a linha dos ombros até os joelhos, alguns destaques são movimentos como flexões de joelhos, inclinação da coluna e curvaturas do tronco. Por fim, o nível alto esta situado dos ombros para cima, na verdade uma maneira fácil de identificar esse nível na dança, é quando a cintura se posiciona acima de sua linha normal, sendo que são alguns movimentos no nível alto: saltos, elevação dos calcanhares e pulos.

Dentre as direções e níveis ainda se tem a possibilidade de desenhar mentalmente sua **rota** que corresponde a um padrão que este vai percorrer se movimentando. Existem padrões de diferentes modos, como linha reta, linha curva e zigue zague.

As rotas são nortes para também realizar as **extensões** que possibilitam ao corpo contrair e expandir, ou seja, movimentos perto do corpo e longe do corpo, os quais também são movimentos responsáveis por fornecer beleza estética a dança, provocando contrastes.

Esforço

Podemos caracterizar o esforço como a mola propulsora para se realizar algo. O esforço é materializado através do movimento, sendo que este pode ser designado de acordo com **tempo**, e realizado de forma lenta ou rápida.

Na dança os alunos conseguem compreender esse sentido de esforço quando estão aprendendo a movimentar seu corpo em determinada configuração, representando algo, em determinado compasso. Podem desenvolver diversas experiências em tempos lento, moderado ou ainda acelerado, e dentro desse tempo, podem ainda, descobrir o seu ritmo interno, ou seja, em qual tempo seu corpo se sente melhor.

Esse ritmo pode estar envolvido com a **força**, ora forte, ora leve, como o tensionar e relaxar da musculatura dançando, ou ainda, um ritmo com esforço e movimentações com **fluidez**, que podem ser contidas, com interrupções ou marcadas, e também, livres.

Relações

Ao dançar com um **objeto** o aluno tem a possibilidade de manusear algo, sendo que isso exige dele mais atenção, concentração, força ou leveza, o que possibilitará a condução de seu corpo diante de uma matéria inerte dando “vida a mesma”, através do movimento. Assim, poderá explorar diversas formas de interagir com o mesmo (dentro, fora, a redor, atrás, ao lado, sob, em cima, em baixo, transversal), se autoconhecendo.

Quando uma criança dança com **um parceiro** ou **grupo** adquire uma vantagem, pois estes se tornam apoio uns dos outros.

O corpo do outro ajuda na percepção do seu próprio corpo. A criança também aprende com a imitação (desde que essa não seja a única forma de se ensinar a dança, pois o criativo deve sempre existir em relevância). A dança oferece essa oportunidade e vai além, ensina a criança a contrastar seus movimentos. Por exemplo, enquanto uma criança abaixa a outra se levanta, quando um for para direita o outro vai para esquerda, e assim por diante. Olhar para o outro também possibilita rever sua conduta psicológica, seu poder de autoestima, e permite lidar com seus próprios anseios.

Quando uma criança está conhecendo e fazendo a atividade em **dupla, trio**, ou inserido em um **grupo**, sua capacidade de socialização é estimulada. Em um processo de criação em dança, as crianças precisam combinar ideias, chegar a acordos. Em um momento da dança solo, a criança tem a capacidade de envolver **consigo mesmo**, focada em seus movimentos estimulando e usando suas habilidades, relacionando com próprio Eu se autoconhecendo. Quando acontece o momento da **composição coreográfica**, da criação, a criança ou grupo desperta e melhora suas habilidades de convencimento, negociação e, ainda, desenvolvem suas opiniões próprias, aceitação, limites e total descoberta de si mesmo, do outro e do que quer passar para o outro através da dança.

Igualamos e ampliamos as idéias das autoras, cremos que todos os elementos citados devem estar presentes nas aulas de dança da Educação Física, e que a junção destes, com diferentes combinações, oferecem ao professor inúmeras possibilidades de proporcionar ao aluno vivenciar a dança. Acreditamos ainda que o professor precisa estar consciente do seu foco educacional e que, ao proporcionar vivências em dança, a partir desses elementos, no contexto da Educação Física, contribuirá de maneira favorável para o desenvolvimento do ser

no mundo, independente de domínio técnico ou de suas habilidades anteriores com modalidades de dança.

A “dança, num enfoque educacional, pode deixar os padrões estéticos, as regras e a técnica para ir ao encontro das necessidades do ser humano, ouvindo ideias, percebendo a criatividade e a expressividade dos movimentos” (SBORQUIA, 2002, p. 75).

Corroboramos com Verderi (2009, p.68) quando explicita que a dança:

[...] deverá ter um papel fundamental como atividade pedagógica e despertar nos alunos uma relação concreta sujeito-mundo. Deverá propiciar atividades geradoras de ação e compreensão, favorecendo a estimulação para ação e decisão no desenrolar destas, além de reflexão sobre os resultados de seus atos, para, assim, poder modificá-los frente a algumas dificuldades que possam parecer, e por meio dessas mesmas atividades reforçar a autoestima, a autoimagem, a autoconfiança e o autoconceito.

Percebemos na dança a oportunidade de desenvolver elementos corporais e proporcionar ao aluno consciência de suas ações e decisões, o que leva a se expressar sentimentalmente através dos movimentos, estímulos e desafios propostos pelo professor.

Defendemos que os elementos devem estar presentes nas aulas de dança, e serem vivenciados em forma de dinâmicas como ajuda para concretizá-la, atingindo suas valências.

Usamos deste espaço para reforçamos a ideia de que a escola não é responsável pela formação de um bailarino, e sim permite a experiência da dança menos rígida, mais lúdica e articulada.

Elementos da dança, juntamente com os pilares básicos da educação da UNESCO, como base de aplicação pedagógica, atendem as nossas ânsias e desejos inicial desse trabalho, que acreditamos favorecer a aplicabilidade do professor para esse conhecimento, já defendido como mola propulsora do ser humano consciente no mundo.

Para que possamos compreender melhor a junção dos quatro pilares básicos da educação envolvidos com o aprendizado do conhecimento dança nas aulas de Educação Física, intentamos ressaltar alguns detalhes, que se tornam exemplos nesse momento.

Dentre tantos elementos citados acima, acreditamos que o professor deve estar sempre atento ao **Aprender a Conhecer**, que na dança seria perceber, sentir seu corpo, compreender, construir, reconstruir, interpretar movimentos, tempos, esforço e relações. Isso remete a conhecer diversas capacidades físicas para a prática, identificar movimentos transformados em dança, conhecer objetos e instrumentos que podem colaborar na construção da dança, bem como sua história e perceber que o convívio engrandece.

O professor deve conhecer e contemplar a dança, vivenciá-la e aproveitá-la com imaginação. Assim, deve fazer que a curiosidade da dança passe para todos os aspectos no

sentido de descobertas, autonomia e atenção, fazendo com que o aluno também **aprenda a fazer**, atuando corporalmente de maneira eficaz um movimento de dança. Este deve ser realizado com movimentos locomotores ou não, no espaço, direções, níveis, rotas, extensões ritmo, força, fluidez como as quais foram objetivados, com ou sem objetos e instrumentos, em grupo ou individualmente.

Um aprender a fazer, também, no sentido de não apenas entender o mundo e o que nele está inserido, e sim ter iniciativa, dar o primeiro passo. Copiar, mas não sempre, para utilizar sua criatividade em suas próprias criações, como uma coreografia, e ainda, arriscar a “subir no palco da vida”, enfrentando novas situações consigo e com a sociedade, **aprendendo a conviver**, empenhando-se de maneira homogênea com o grupo nas atividades propostas com essa organização, seguindo, liderando, juntando e separando.

Assim o aluno poderá compartilhar o conhecimento, prezando pelo saber advindo do outro, a fim de obter uma criação conjunta. Por exemplo, no momento da construção de um movimento de dança realizado em grupo, onde um tem prazer com o esforço do outro, aprende a respeitar o espaço individual, geral e o tempo do outro. Assim, todos participam de projetos comuns, capacitam-se a lidar com os conflitos existentes no conviver, propiciando um **aprender a ser**, responsável no sentido de tomar decisões, como no momento de escolhas de movimentos coreográficos, histórias representadas e estilos musicais.

Com a dança o aluno também pode ser perseverante, com autoestima elevada, propiciando sempre a oportunidade de novos aprendizados, de novas movimentações de diversas modalidades e estilos de dança, contagiando e envolvendo positivamente todos e tudo a sua volta. Se tornando cada vez mais, sensível, ético, responsável, criativo, autônomo e com a socialização desbloqueada, estando o ser no mundo em potencial.

Delors *et al.* (2012, p.73) no relatório para UNESCO nos deixa claro que na escola “[...] deve ser transmitido, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos[...]”, conseqüentemente ele está falando das disciplinas escolares, dentre as quais lembramos da Educação Física e todos seus conhecimentos, os quais devem utilizar esses saberes e saber-fazer, a favor da humanidade, se tornando as bases das competências do futuro.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Nosso trabalho pautou-se na pesquisa qualitativa. Esta possibilita a inserção nos significados das ações e das relações humanas, o que não se consegue atingir com as equações, as médias e a estatística (MINAYO et al, 2009). Além disso, permite maior protagonismo tanto ao pesquisador, quanto ao sujeito pesquisado.

A pesquisa qualitativa

“[...] trabalha com universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, [...] parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes [...]” (MINAYO et al, 2009, p. 21).

Embasamo-nos em uma pesquisa na qual a população investigada pudesse participar, refletir e intervir na situação problema. Se tornando a mesma uma pesquisa participante, onde pesquisadoras e os pesquisados tinham um objetivo comum, no caso da presente pesquisa o objetivo que nos envolvia era atender a realidade dos professores sujeitos auxiliando e mudando o cotidiano das aulas no trato com a dança dentro da Educação Física. Nosso intuito foi que todos os momentos da pesquisa tornassem significativos para os envolvidos, fazendo-os participar ativamente de todo processo, atingindo principalmente seus anseios e os nossos em relação ao conhecimento dança.

Brandão e Steck (2006, p. 12) descrevem a Pesquisa Participante como um "repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência de ações que aspiram gerar transformações".

Além disso, os autores adicionam que "Uma pesquisa que é também uma pedagogia que entrelaça atores-autores e que é um aprendizado no qual, mesmo quando haja diferenças essenciais de saberes, todos aprendem uns com os outros e através dos outros" (BRANDÃO; STECK, 2006, p. 13).

3.1 LOCAL, SUJEITOS E ETAPAS DA PESQUISA

A pesquisa foi direcionada a realizar-se com os professores efetivos que ministram aulas para o Ensino Fundamental I em escolas da Prefeitura Municipal de Uberaba-MG, totalizando 19 professores, e mesma se propôs e ocorreu em duas etapas e locais distintos:

Entrevista – Local escolhido por cada sujeito

Encontros presenciais – Foram realizados na Casa do Educador, estabelecimento do Departamento de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação e Cultura da cidade de Uberaba-MG.

Os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa foram dezessete docentes, com idade média de 48,23 anos, sendo doze do gênero feminino e cinco do gênero masculino.

Os critérios de inclusão para os docentes foram ser professor efetivo da rede municipal de ensino da cidade de Uberaba-MG que ministrassem aulas no Ensino Fundamental I e consentir a participar da pesquisa pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os sujeitos que compõem o quadro de professores da rede municipal de ensino em Uberaba-MG estão distribuídos e atuam em: Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI); Ensino Fundamental I e II; Programa de Educação em Tempo Integral (PROETI), que em Uberaba-MG, levam o nome de Centro Integrado de Educação Municipal (CIEM); e o Centro Municipal de Educação Avançada (CEMEA); estes oferecem esportes e demais atividades formativas. Estes professores não trabalham com séries, contemplando as crianças, adolescentes e pessoas da comunidade em geral, não sendo apenas aos alunos da rede municipal de ensino.

Devido a essas variações e remanejamento anual de professores contratados, optamos por delimitar o público exato, pensando em uma amostra homogênea e significativa.

Para tanto, a experiência profissional no Ensino Fundamental I das pesquisadoras influenciou a escolha por este nível educacional, pois poderia e facilitou, no diálogo com os professores e na organização das atividades.

Ressaltamos que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, sob o protocolo número 2565.

Incluiremos os passos de nossa pesquisa participante, uma vez que a mesma foi construída e realizada em etapas.



Figura 1 - Etapas da Pesquisa

Fonte: Da autora, 2014.

Para diagnosticar a realidade dos sujeitos de nossa pesquisa, optamos por um questionário (Apêndice A), aplicado pessoalmente a cada professor, dentro de um horário e dia pré-estabelecido via telefone celular.

Nesse momento, detectamos a caracterização de nossos sujeitos, e pudemos perceber como a dança era tratada nas aulas de Educação Física. Esta etapa, denominada de diagnóstico, permitiu melhor preparo para o encontro com os professores.

A partir dos dados, fizemos uma reflexão sobre as respostas dos professores e elaboramos um material didático para nosso encontro, denominado de Apostila-Guia.

Para a construção das dinâmicas, realizamos um encontro com os professores sujeitos (estiveram presentes 13 professores), com duração de 8 horas, no qual foi possível a aproximação entre a proposta e professores. Neste, a reflexão sobre a dança na Educação Física Escolar permitiu a construção conjunta de dinâmicas relacionada à realidade dos educadores, sem ignorar os pilares básicos da educação propostos pela UNESCO e elementos da dança.

Por fim, os professores aplicaram as dinâmicas nas aulas do Ensino Fundamental I e detectaram variações e modificações pertinentes à prática. O retorno pedagógico da operacionalização das atividades ocorreu dois meses depois. Este momento foi de suma importância para o trabalho, pois a reflexão e discussões permitiram que reorganizássemos as atividades de forma mais efetiva para o ambiente escolar.

3.2 TÉCNICAS USADAS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Com objetivo de perceber a realidade e atuação dos professores de Educação Física do Ensino Fundamental I optamos por um questionário estruturado, com questões pessoais para identificação do sujeito pesquisado, alguns itens sobre a formação e três perguntas geradoras.

Para Marconi e Lakatos (2005) o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído de perguntas, que devem ser respondidas por escrito. (idem, p. 203).

Para Triviños (2008) o questionário estruturado pode ser usado na pesquisa qualitativa com intuito de caracterizar um grupo e buscar informações, de forma geral, com perguntas relativas a formação, papel desempenhado, dentro outros.

Foi esse o objetivo deste instrumento, portando a explicação da padronização das perguntas, levando os sujeitos a responderem apenas o que era de interesse do estudo presente.

Também como etapa da pesquisa participante, realizamos encontros presenciais para discutir itens do projeto, sendo que esses encontros foram filmados por completo.

3.2.1 Instrumentos de coleta das informações

O questionário foi composto por perguntas fechadas e abertas a respeito de: gênero; idade; graduação; tempo de formação; eventuais cursos de especializações; e se, durante a graduação em Educação Física, vivenciou alguma ou mais disciplinas com aspectos da dança, atividades rítmicas, expressão corporal, dentre outras possíveis.

Quanto à atuação, identificamos as turmas que ministram aulas e, por fim, três perguntas geradoras: 1- Você utiliza a dança dentro de suas aulas de Educação Física Escolar? Em qual momento? 2- Quais são suas facilidades e dificuldades para trabalhar a dança na Educação Física Escolar? 3- Se oferecêssemos um curso de “dança na Educação Física Escolar”, o que você gostaria que fosse abordado?

Este momento foi considerado como “Diagnóstico”, para que pudéssemos organizar o encontro futuro com os professores que atendessem, da melhor maneira possível, suas expectativas em relação ao conteúdo e a aplicabilidade na escola.

Esse questionário foi aplicado a fim de obter informações relacionadas à identificação, à caracterização dos sujeitos e, principalmente, às suas dificuldades em trabalhar a dança na Educação Física Escolar e suas expectativas de aprendizado. Isto porque julgamos importante termos esses dados para enriquecer o curso de capacitação com os professores sujeitos e, juntos, construirmos as atividades de dança para a Educação Física, segundo a realidade dos mesmos.

3.3 PROCEDIMENTOS DAS COLETAS

O contato com os professores foi possível por intermédio da Secretaria de Formação Continuada da Prefeitura Municipal de Uberaba-MG.

Reforçamos que inicialmente apresentamos a pesquisa e seu propósito junto à Secretaria de Educação por declaração escrita e encontro pessoal para explicação do projeto.

Nesta, mais diretamente em contato com a Secretária de Formação Continuada, reafirmando sobre o sigilo da pesquisa, explicamos e frisamos a não identificação dos sujeitos, bem como a opção que cada um teria em aceitar participar ou não da pesquisa. Então, nos foi cedido um documento com o nome dos professores efetivos, escola que atuavam e número de telefone, bem como autorização para contatá-los.

Após contato com cada professor, agendamos um local para que o projeto pudesse ser apresentado, o TECLE assinado e, então, a primeira etapa (diagnóstico) concluída. De um total de dezenove professores efetivos, apenas dois não aceitaram participar, recusando-se a nos encontrar.

É importante ressaltarmos que durante a coleta de informações, foi novamente explicado ao professor o objetivo da pesquisa, o sigilo, bem como o retorno que pretendíamos realizar com os mesmos a partir das respostas obtidas.

Além disso, pudemos sensibilizá-los sobre a importância da presença dos mesmos no curso que pretendíamos realizar, com o intuito de colaborar positivamente com a atuação docente segundo a frequência de respostas obtidas no questionário sobre as dificuldades e expectativas do trabalhar a dança dentro da Educação Física Escolar.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados obtidos pela entrevista, realizamos uma categorização das respostas e utilizamos o percentual, destacando uma frequência de resposta. Mesmo sendo um dado quantitativo, “não justifica uma análise estatística, que tem como objetivo a generalização dos dados” (UGAYA, 2011, p. 89), pois tratamos apenas de um universo da dança dentro das aulas de Educação Física dos professores efetivos da rede Municipal da cidade de Uberaba-MG.

Como mencionado anteriormente, nosso intuito com essa primeira parte da pesquisa era conhecer a realidade dos sujeitos.

Além de identificarmos através dessa frequência de respostas como os professores se posicionaram diante da pesquisa, ambas as pesquisadoras fizeram anotações e observações das falas dos mesmos desde a entrevista como nos encontros presenciais, e ainda, registros dos encontros mediante áudio e vídeo, arrecadando um rico material, segundo o relato de experiência das autoras.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos abaixo características gerais dos sujeitos da pesquisa. Este momento tornou-se necessário para que pudéssemos compreender algumas ações e incômodos dos sujeitos entrevistados que pudessem partir da formação. De maneira geral, encontramos:

- ✓ 100% dos professores fizeram licenciatura em Educação Física (n=17)
- ✓ 100% tiveram a disciplina DANÇA em sua formação (n=17)
- ✓ 94,11% possui uma pós-graduação (n=16)
- ✓ 88,23% têm mais de dez anos de tempo de formação (n=14)

A maior parte dos professores era composta por mulheres, e toda amostra de professores possuía idade média de 48,23 anos, com desvio padrão de 6,68.

Todos os sujeitos eram experientes na área, com dez anos ou mais de formação. O que nos felicitou foi saber que todos os professores tiveram na sua formação a disciplina Dança ou alguma disciplina com nome parecido, que os embasasse sobre o tema dentro da Educação Física, o que nos apoiou a questionar sobre a atuação em dança dentro de suas aulas na Educação Física Escolar.

4.1 DIAGNÓSTICOS DA REALIDADE

Como mencionado anteriormente, realizamos uma entrevista, com foco central em identificar a realidade dos nossos professores sujeitos. As perguntas geradoras foram três, são elas: 1- Você utiliza a dança dentro de suas aulas de Educação Física Escolar? Em qual momento? 2- Quais são suas facilidades e dificuldades para trabalhar a dança na Educação Física Escolar? 3- Se oferecêssemos um curso de “dança na Educação Física Escolar”, o que gostaria que fosse abordado?

Analisando a frequência de respostas obtidas, chegamos aos resultados que serão mostrados nos quadros abaixo, no qual os professores serão identificados pela letra P seguida de um número que o identifica segundo a ordem da entrevista.

Na sequência de cada quadro fizemos um breve comentário apenas sobre as respostas de maior frequência, as que suscitaram a organização das nossas ideias para as etapas subsequentes do nosso trabalho e as que nos chamaram atenção.

Pergunta 1- Você utiliza a dança nas suas aulas de Educação Física Escolar? Em qual momento?

Quadro 2 - Em qual Momento utiliza a dança em suas aulas de Educação Física?

FREQÜÊNCIA DE RESPOSTA	SUJEITOS																	TOTAL	
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17		
Datas comemorativas	X	X		X	X	X		X	X	X	X	X		X	X			12	71%
Projetos da escola					X	X					X	X						4	24%
Durante as aulas de Educação Física	X							X					X					3	18%
No período integral			X					X										2	12%
Durante as aulas de Ginástica						X		X										2	12%
Nas brincadeiras de roda																	X	1	6%

Fonte: Da autora, 2013.

Quando foi perguntado aos professores se eles utilizam a dança em suas aulas de Educação Física Escolar, 88% dos professores responderam que sim e 12% disseram que não. Porém, identificamos que 71% dos professores que responderam ao questionário utilizam a dança dentro de suas aulas de Educação Física apenas nas datas comemorativas, sendo que 24% apenas nas festas juninas.

Concordamos que as festividades primam pelas manifestações corporais voltadas à apresentação, no entanto, além de considerarmos outras modalidades como possíveis de estarem presentes nestes eventos - como as lutas e as ginásticas - nos incomoda a possibilidade da dança voltar-se ao seu produto final (coreografia) e o processo ser prejudicado.

Fiamoncini (2003) percebe a participação dos alunos dançando nas datas comemorativas como algo válido, mas afirma que seu objetivo não deve ser o de mostrar a produção final com intuito de agradar os pais ou mostrar uma escola bela. Isso seria negligenciar o ensino da dança como um meio de conhecimento.

Dos professores entrevistados, 12% disseram utilizar a dança nas aulas de ginástica, essa resposta chamou atenção, pois a mesma remete ao entendimento desses professores enxergarem a dança e ginástica como sendo o mesmo conhecimento, ou que a dança esteja sendo utilizada dentro das aulas de ginástica artística, uma vez que essa modalidade utiliza movimentos de dança, mas ambas, deve ser compreendidas como conhecimentos diferentes dentro de uma mesma área.

Um professor pontuou utilizar a dança somente nas brincadeiras de roda, e a princípio isso nos felicitou, mas continuando nossa entrevista pudemos notar que este professor trata a dança com destaque para reprodução de movimentos, como podemos perceber em sua fala: “na verdade, eu usava a dança nas brincadeiras de roda, porque hoje nem isso eu faço, antes eu só cantava a musiquinha e os alunos copiavam os gestos, os movimentos, sabe? Era assim que agente dançava... porque hoje em minhas aulas os alunos tem que bater continência!” (P7).

A dança deve ir além da simples reprodução de movimentos, em estudos como de Ehrenberg (2003), podemos perceber que esse ato de colocar uma música, neste caso cantar, e o professor realizar os movimentos e alunos copiarem, infelizmente não é novidade dentro da escola, e que há urgência em mudarmos essa realidade.

Apresentamos agora a segunda questão, que voltou-se à identificação das facilidades e dificuldades para a aplicação e vivência da dança nas aulas. Para melhor compreensão das

respostas, separamos as categorias em dois quadros, um para facilidades e outro para as dificuldades.

Pergunta 2: Quais são suas facilidades e dificuldades para trabalhar a dança na Educação Física Escolar?

Quadro 3 - Facilidades para o trato da dança

FREQÜÊNCIA DE RESPOSTA	SUJEITOS																	TOTAL	
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17		
Apoio da escola			-	-	X	X	-		-	-	-	X	X	-		-		4	24%
Infraestrutura	X		-	-	X	X	-		-	-	-			-		-		3	18%
Facilidade para trabalhar com tema			-	-			-	X	-	-	-	X		-		-		2	12%
Ensinar quadrilha nas festas juninas		X	-	-			-		-	-	-			-		-		1	6%
Crianças talentosas			-	-			-	X	-	-	-			-		-		1	6%
Aceitação dos alunos			-	-			-		-	-	-		X	-		-		1	6%
Alunas (mulheres) gostam de dançar			-	-			-		-	-	-			-	X	-		1	6%
Professor tem gosto pela dança			-	-			-		-	-	-			-		-	X	1	6%

Fonte: Da autora, 2013.

Notamos que 24% dos professores têm algum tipo de apoio vindo das instituições que atuam, sendo essa uma das facilidades de trabalhar a dança dentro da Educação Física. Posteriormente 18% apontam a infraestrutura como auxiliar no trato com a dança.

Isto se deve, em parte, à própria concepção da modalidade, ou seja, da não necessidade - ao menos num primeiro momento - de espaço próprio, materiais de grande ou pequeno porte e custo elevado, dentre outros.

No entanto, no decorrer de nossa pesquisa observamos que os problemas de infraestrutura vieram à tona, sobretudo com relação aos barulhos e condições de trabalho de alguns professores, estes, elencados adiante.

O professor P2 trouxe como facilidade “ensinar quadrilha nas festas juninas”. Com essa informação em mãos, ainda tínhamos dúvidas em relação a como este processo ocorria. Posteriormente, quando se realizou o encontro com os professores, pudemos compreender que se tratava de momentos que primavam à reprodução dos movimentos, ou seja, não se utilizava desta temática festiva para trabalhar com a dança, menos ainda, seus elementos. Assunto este, abordado nas páginas anteriores, no qual firmamos ser necessário transcender essa imagem da dança como simples cópia.

Esta compreensão veio da afirmação do professor quando no reencontro “Retorno Pedagógico” ele disse: “quando eu ensinava danças de festa junina eu me voltava ao produto. Agora percebi que tenho que atentar ao processo de construção de coreografia, como vou fazer isso, e de forma mais ampla” (P5).

“Alunas gostam de dançar”, foi a frase descrita pelo professor P15, com destaque para a questão de gênero, pois em sua resposta “alunas, principalmente, gostam de dançar” se explicita o feminino, essa é mais uma confirmação do contraste em relação ao masculino. Se os homens não gostam de dançar, motivos diversos devem afastá-los desse conhecimento.

Assis (2009) diz que alguns meninos não gostam de dançar por acreditarem que ficariam afeminados. Enfim, independente do motivo, corroboramos com a autora quando diz que cabe aos professores combater essa realidade e se aproveitar da mesma para criar momentos de reflexão para um relacionamento harmonioso e livre de preconceitos. E acrescentamos mais, cabe ao professor colocar sentido no ato de dançar, o problema não é quem dança, mas o que se pretende com a mesma. É o significado.

Quadro 4 - Dificuldades de aplicação da dança

FREQÜÊNCIA DE RESPOSTA	SUJEITOS																	TOTAL	
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17		
Infraestrutura e logística		X	-	X		-		X	X		X	-	X	X	X	X		9	53%
Falta de formação		X	-		X	-			X	X		-						4	24%
Resistência dos alunos			-	X	X	-						-		X	X			4	24%
Duração da aula			-	X	X	-		X				-						3	18%
Expressão corporal			-			-	X					-					X	2	12%
Professores não gostam de danças da mídia	X		-			-						-						1	6%
Quantidade de alunos		X	-			-						-						1	6%
Musicalidade			-			-	X					-						1	6%
Falta apoio financeiro dos pais para confecção de figurinos			-			-		X				-						1	6%
Falta incentivo da família			-			-						-	X					1	6%
Falta incentivo da equipe escolar em geral			-			-						-	X					1	6%
Metodologia			-			-						-					X	1	6%
Todas			-			-						-					X	1	6%
Alunos só querem dançar ritmos sensuais			-			-						-			X			1	6%

Fonte: Da autora, 2013.

Analisando o quadro de dificuldades, percebemos que o maior percentual é de 53%, no que se refere à infraestrutura, o que já é um paradoxo entre as respostas, afinal para 18% a infraestrutura é uma das facilidades.

Não sendo uma novidade nesse meio, a infraestrutura vem sendo um problema enfrentado por diversos professores, em diversas escolas de diversos lugares, é o que nos aponta o estudo de Oliveira (2011), mas, este autor trás uma reflexão a respeito da postura do professor de Educação Física diante desse assunto que acreditamos ser relevante.

Algumas mudanças realmente não dependem apenas do professor de Educação Física, como a infraestrutura, que até o momento é o mais pertinente dos problemas, não podemos exigir que o Governo ou responsáveis resolvam apenas nossos problemas, nosso país é muito grande e devemos perceber que há caminhos alternativos. (OLIVEIRA, 2011, p. 26).

Ou seja, não devemos ficar de “braços cruzados” diante da realidade, necessário é buscarmos alternativas para atingir o objetivo da dança dentro da Educação Física, alternativas estas, que podem ir de reorganização de horários, adaptação de espaço físico, divisão de turmas, dentre outros.

Ter um espaço com uma sala de dança, espelho e barra, como foi mencionado pelos professores sem sombra de dúvidas, seria ótimo, mas não necessariamente precisamos desse espaço para desenvolver as aulas de dança da Educação Física, as quais podem ser desenvolvidas na própria quadra ou na sala de aula, e ainda com e sem material, como também foi citados pelos professores.

Essas considerações não implicam que o professor deva aceitar essa realidade e que a mesma é a melhor para se trabalhar. Como menciona Silva e Damazio (2008) questões como espaço físico e instalações podem afetar o desenvolvimento da Educação Física, portanto, paralelo à atuação em espaços adaptados, o professor deva ficar atento e reivindicar melhorias para suas condições de trabalho docente, principalmente se estas depender de deficiências na infraestrutura.

A logística foi outro agravante, citado por um professor, “horários de turmas coincidindo” (P14), o que demonstra um problema interno da equipe, que pode e deve ser solucionado, para que os alunos não sofram com algo que é um direito de todos.

Seguindo da maior porcentagem (24%), temos como dificuldade pontuada, a falta de formação. Sem formação e vivências anteriores, realmente a dificuldade é maior. No entanto, notamos que todos os professores, na formação, tiveram uma disciplina que estava relacionada à dança ou atividades rítmicas.

É claro que não podemos afirmar que em todos os cursos de graduação o conteúdo desenvolvido forneceu tudo o que um professor precisa para trabalhar com a dança dentro da Educação Física, mas também sabemos que nenhuma disciplina é capaz de oferecer tudo durante um curso de graduação, ficando a cargo de o professor buscar extra sua formação, complementação e atualização para sua prática.

Pertinente apontarmos o discurso de um dos professores da pesquisa. Para ele, o fato de não ser especialista em dança o faz dar prioridade a outros conteúdos: “não sou especialista em dança, por isso priorizo os demais conteúdos” (P9).

Para a atuação profissional, o ensino superior é apenas o pontapé inicial deste processo, e a falta de vivência e experiência prévia em algum dos conteúdos não pode (e nem deve) ser justificativa para não proporcionar esse conhecimento aos alunos.

Kleinumbing e Saraiva (2009 p. 197) dizem que “entende-se que a organização curricular dos cursos de Educação Física não possibilita o aprofundamento de técnicas específicas de estilos de dança, bem como entende-se que esse não deve ser o objetivo da formação”.

As autoras defendem que existem outras possibilidades da dança ser entendida como experiência, e que a mesma deve possibilitar as crianças e jovens “apresentarem seus pontos de vista em relação a seus mundos a partir de suas experiências” (idem, p. 198). Esta proposta é fácil para o professor com formação em Educação Física desenvolver, não necessitando de especialização, pois no processo de formação esta não devem se ater a aprender técnicas e modalidades, e sim ao trabalho de sensibilidade para elevar e “desbloquear potencialidades do ser humano” (idem). As autoras também afirmam que se os professores concebessem a dança por essa visão, suas sensações de incapacidade diminuiriam.

A resistência dos alunos ao conhecimento dança foi mencionada por 24% dos professores. Essa se tornou o desafio ao professor P5, que não consegue despertar a curiosidade e interesse dos mesmos para as aulas de dança. Como uma atitude de resistência foi citada a cultura do futebol, pois “os alunos do sexo masculino privilegiam a prática do futebol e, além disso, o alunado só quer dançar ritmos sensuais” (P15).

Este professor tem o desafio de transcender o fenômeno da esportivização. No estudo de Faria *et al* (2012) os autores observaram aulas de Educação Física, que se resumiam em futebol e no máximo vôlei, pois os alunos só queriam jogar futebol, se recusando a outras atividades.

Na pesquisa de Faria *et al* (2012) foram realizadas intervenções com alunos de uma determinada turma, apresentando outros conhecimentos da área. A receptividade foi boa, visto

que os autores apontaram ter tido cautela em conversar com os alunos no início das aulas, explicando a proposta, e acima de tudo saíram da rotina, buscando novas estratégias. Efetivaram a pesquisa após seis encontros e afirmam que o esporte, ou melhor, esse fenômeno da esportivização, pode ser desconstruído com outros conhecimentos da área, inclusive oferecendo oportunidade para as meninas participarem.

No mesmo estudo, os autores ainda levantam a questão da atitude do professor de Educação Física, nos mostrando que se desejamos mudança, ela tem que partir do professor, e que este deve buscar a valorização de suas aulas, sendo figura de autoridade, despertando sempre a curiosidade e interesse dos alunos para suas aulas, oferecendo novidades e não se acomodando.

O profissional de Educação Física comprometido com a formação dos alunos deve estar sempre buscando atualização, para que tenha a competência necessária para realizar aulas com qualidade, visando à melhor formação do aluno e a assimilação de conhecimentos. (CAMPAGNA; SCHWARTZ, 2007 apud MARTINS *et al*, 2009).

Quanto aos ritmos sensuais, citados em nossa pesquisa, cabe ao professor fazer essa orientação, pois essa é uma oportunidade de levantar reflexões sobre o corpo e esclarecimento sobre o que se trata realmente este tipo de dança. Esses ritmos sensuais provavelmente são interferências da mídia, pois esse é um veículo rápido de informações e de interferência na cultura nos dias atuais.

A dança que a mídia leva para a escola acriticamente torna-se de responsabilidade de nós professores de Educação Física. O nosso papel é revelar essa irresponsabilidade, estimulando a crítica dos alunos, contudo sem negar ou discriminar seu conhecimento e cultura, mesmo o entretenimento (CORREIA, 2006, s/p).

Cabe aos professores provocar as mudanças, como mencionamos anteriormente e para modificar a realidade precisamos considerar sempre as vivências anteriores dos alunos, mas acima de tudo provocar as reflexões. Como menciona o mesmo autor, tudo o que é “trazido por nossos alunos precisa ser respeitado e nosso trabalho será mostrar novas opções, despertando a crítica e oferecendo a opção de mudança, mas sem desmerecimento de suas preferências” (CORREIA, 2006, s/p).

Sborquia e Gallardo (2002) defendem em estudo que as danças sensuais não são incoerentes para escola, pois se tratam de representações entre casais, procura de parceiros, que são demonstradas de forma sutil, mas que as mesmas devem ser estudadas e explicadas aos alunos, bem como as danças eróticas e pornográficas (as consideradas incoerentes a esse contexto) que devem ser elucidadas pelos professores mesmo não sendo vivenciadas nesse contexto.

O fator duração das aulas foi mencionado por 18%, como exemplo, o professor P4 diz que “precisava de mais tempo, pois necessito dar aula para os outros alunos que não gostam de dança, fico correndo de um lado para o outro”. Este discurso nos chamou atenção, pois está explícito que só faz dança quem quer, ou seja, os alunos que não gostam de dança têm que fazer outra atividade de conteúdo da Educação Física e esse professor tem que realizar duas atividades ao mesmo tempo, uma para quem dança e outra para quem não dança.

Absurdo esse relato, pois todos os alunos devem participar, ao mesmo tempo, das atividades propostas nas aulas de Educação Física, independente do conhecimento a ser trabalhado. Uma vez mais, frisamos que cabe ao professor buscar estratégias, ser autoridade em suas aulas, incentivando os alunos a vivência de todos os conhecimentos planejados, contribuindo positivamente para formação. Podemos refletir se em outras disciplinas escolares, como língua portuguesa, por exemplo, se um aluno não gosta de estudar verbos, pode ele escolher não participar desse momento de aprendizado e o professor terá que lhe ofertar outro conhecimento ao mesmo tempo em que ensina verbo aos demais alunos?

Já o professor P2 mencionou a quantidade de alunos. É preciso que se pense em atividades as quais possibilitem a organização de um grande número de pessoas, sendo que em salas com número elevado de alunos, algo que é realidade em diversas escolas, existem inúmeras possibilidades de conduzir uma turma em um mesmo horário.

Dividir os alunos em grupos é uma boa proposta, criar estratégias como espectadores (olhar crítico) e atuantes, inverter papeis, dentre outros. Apesar de a atenção ter sido voltada para a infraestrutura e a logística com maior porcentagem, esse foi um dos assuntos de grande relevância abordados no encontro com os professores, sendo que pudemos criar estratégias para contornar a situação, porém todos os professores concordaram que essa atitude não extingue a necessidade de melhorias por parte das políticas públicas em relação ao problema.

O professor P13 pontuou faltar incentivo da equipe escolar em geral, outro paradoxo, pois 24% dos professores pontuaram o apoio da escola ser o fator mais relevante em relação às facilidades de aplicação da dança.

Metodologia foi a dificuldade pontuada pelo professor P17, sendo que percebemos a carência da prática, da busca, da leitura até mesmo da formação, mas como sabemos que não necessitamos dominar técnicas ou ter inúmeras habilidades de dança para vivenciar a mesma no espaço escolar, esta seria mais uma questão de atitude desse professor para buscar como se trabalhar a dança dentro das aulas de Educação Física.

Em um estudo de Silva *et al* (2012, p. 50) em relação à dança, “constatou-se que a maioria dos professores entrevistados tem dificuldade em aplicá-la em razão de preconceitos,

deficiência na formação da graduação, ausência de infraestrutura escolar, por não estar no planejamento curricular da sua escola ou por falta de afinidade com ela”. Este estudo afirma que dificuldades para aplicar a dança em aulas de Educação Física, muitos têm e ainda terão, devendo os professores com essa dificuldade encará-la como desafio. O alerta, dessa vez, vem reforçar uma de nossas crenças em relação ao papel da dança como conhecimento, sendo que professores devem refletir sobre sua atuação,

Pois os alunos não podem ser prejudicados aprendendo apenas aquilo como que seus professores têm mais afinidade, aprendendo os mesmos conteúdos em todos os anos escolares, e sim explorar o máximo de vivências corporais possíveis, pois tudo se torna um desafio (SILVA *et al*, 2012, p. 50).

Uma vez mais, mencionamos que não é nossa intuição central discutirmos sobre cada item citado pelos professores. Isto porque nosso objetivo com a entrevista foi levantar a resposta de maior frequência em cada pergunta, colaborarmos com as reflexões e estimulá-los a sanar aquilo que era a dificuldades em destaque da maior parte dos professores. Porém, todas as respostas obtidas foram de suma importância para a construção da Apostila Guia, como nosso norte para diálogo no momento do encontro com os professores e para construção das atividades.

Pergunta 3: Se oferecêssemos um curso de “Dança na Educação Física Escolar”, o que você gostaria que fosse abordado?

Quadro 5 - Temas a serem abordados em um curso

FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS	SUJEITOS																	TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17		
Metodologia				X	X				X			X	X		X	X	X	8	47%
Modalidades de danças (Jazz, axé, funk, dança moderna, folclóricas, regionais, etc.)	X	X	X	X			X								X			6	35%
Montagens de coreografias								X		X		X						3	18%
Técnica				X					X				X					3	18%
História da dança								X		X						X		3	18%
Como despertar o interesse do aluno					X	X												2	12%
Como trabalhar figurinos dentro da coreografia								X										1	6%
Atividades de dança											X							1	6%
Descoberta de talentos														X				1	6%

Fonte: Da autora, 2013.

Este é o momento de conhecermos o maior interesse de aprendizagem ou aprimoramento dos professores sujeitos.

Por fim, a última questão identificou o que gostariam quem fosse abordado em um curso de “Dança na Educação Física Escolar”, que nos auxiliou na finalização da Apostila Guia e direcionamento do encontro com os professores.

Sem surpresas, tivemos uma porcentagem de 47% dos professores pontuando sobre interesses na metodologia, ou seja, o quê ensinar e como ensinar.

Essas palavras estavam presentes na fala do professor P9 “tudo, metodologias, todas as formas de inserir a dança nas aulas de Educação Física, a maioria dos professores, mais velhos, formados há mais tempo, não teve uma formação específica com abordagens necessárias para ministrar esses conteúdos com a competência necessária”.

No estudo de Rosário e Darido, os autores destacavam a insegurança que os professores têm em trabalhar conhecimentos como a dança dentro do contexto da Educação Física.

Muitos conteúdos não são ministrados porque os professores não os dominam, se sentem inseguros, ou se julgam despreparados. Somado a esse fator, os alunos resistem às atividades que não sejam os esportes coletivos que costumam praticar. As atividades mais apontadas como não utilizadas são as lutas, as atividades rítmicas e a dança [...]. (ROSÁRIO; DARIDO, 2005, p 177.)

Percebemos que todos os professores entrevistados tiveram a disciplina dança em sua formação, mesmo assim alguns se julgam incapazes de incluir esse conhecimento em suas aulas. Identificamos que esse julgamento se dá devido ao fato dos professores acreditarem que devem “saber dançar” para ministrarem esse conhecimento, como percebemos na fala do professor P2: “Eu não sei dançar nada, não fiz aulas de dança, só sei ensinar quadrilha porque daí eu só falo e eles fazem, me falta formação, teria que aprender alguns tipos de dança para agradar a clientela, né!”

Kleinubing e Saraiva (2009, p. 210) nos assegura que esta visão não deve ser a de um professor de Educação Física, pois a ele não cabe o papel de saber modalidades de dança e nem ser um dançarino ou bailarino.

[...] a dança na Educação Física, deve ser trabalhada a partir do histórico de movimento de cada aluno/a e, por isso, nessa proposta, o/a professor/a não precisa ser um/a bailarino/a, pois cabe a ele/a mediar os diálogos e orientar as tarefas de movimento. Nesse processo, a principal “habilidade” a ser “desenvolvida” pelo professor de Educação Física é a sensibilidade (cabe dizer, não serve somente para a dança): é preciso ser/estar sensível às necessidades de comunicação dos/as alunos/as, ser/estar sensível às necessidades de serem ouvidos, questionados, elogiados e compreendidos.

Já o problema de como criar um local apropriado foi o interesse do professor P16, que também corrobora com o fator infraestrutura, pois mencionou em nossa entrevista “é difícil encontrar um espaço sem barulho, sem pessoas passando, com sombra e que tenha uma tomada para dar aulas de dança, é difícil encontrar até para Educação Física”.

Fica claro que na escola que este professor atua não há uma sala de dança, mas como mencionamos anteriormente, pode-se criar espaços alternativos para desenvolvimento dos conhecimentos da Educação Física, adaptando-os em quadra, salas de aula, pátio, sombra de árvores (usando extensão para tomadas), dentre outros.

Não defendemos esses espaços como os ideais para prática, sendo que corroboramos com Silva e Damazio (2008, s/p) que dizem que “os esforços dos professores, por mais criativos que sejam e diante dos mais belos ideais educativos, podem fracassar, caso não encontrem espaços e condições materiais para concretização de seus planos de trabalho”.

Porém, não se consegue modificar um espaço físico em uma velocidade rápida, sendo que esta dependente de políticas públicas. Outrossim, é necessário inovar, criar possibilidades e nunca permitir que o aluno perca a oportunidade do conhecimento devido a uma lastimável realidade. Este também foi um dos assuntos inseridos no diálogo tratado com os professores no encontro.

Aprender modalidades de dança foi à resposta de (35%), seguido de coreografias e técnica (18%). Nesse momento percebemos que esses professores evidenciam a dança como reprodução de movimentos, ou pensam que para ser significativa precisa dominar determinada modalidade ou técnica, ou já ir direto ao produto final (coreografia). Como fala o professor P2, “Gostaria de dominar coreografias mais atuais, um tipo que agrada nossa clientela, axé, funk, etc”, e o professor P4 “Aprender técnica, tipos variados”.

[...] a preocupação não seria ensinar dança moderna, ballet clássico, entre outros, mas, sim, ensinar a Dança [...] e seu papel no desenvolvimento e aprendizagem da criança como um ser integral. O papel do professor seria o de proporcionar experiências que favorecessem as crianças no desenvolvimento da capacidade de criar. (FREIRE, 2001, p. 34)

Não estamos aqui para ir contra qualquer uma das duas (coreográfica e técnica), pois sabemos da importância de uma coreografia na dança, assim como a técnica que fornece todo amparo para execução de movimentos, mas estas não devem ser o foco principal nesse contexto.

Reforçamos que a escola é lugar de explorar os movimentos, permitir que a criança e o jovem potencializem suas habilidades corporais e sentimentais através de dinâmicas que

contenham passos, ou a dança propriamente dita, mas vivenciada de maneira construtiva, problematizada e instigante. A dança é conhecimento da Educação Física, e seu intuito é trabalhar movimentos e sentimentos, potencializar habilidades e encorajar o aluno a se relacionar positivamente.

No decorrer das dinâmicas de dança ou do ato de dançar na Educação Física, existe a possibilidade de despertar no aluno interesse particular em aprofundar mais o conhecimento dança e, se futuramente vier a ser um dançarino ou bailarino profissional, essas vivências já terão sido, de alguma forma, um primeiro estímulo e despertar.

Percebemos com as análises que muito há de se melhorar para a atuação desses professores, mesmo nosso destaque sendo para as respostas de maior frequência, nos chamou atenção e não pudemos deixar de notar e tecer comentários sobre algumas realidades mencionada pelos próprios professores.

4.2 REFLEXÃO E ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Após a coleta de informações e tabulação dos dados através da frequência de respostas, pudemos nos nortear e programar o encontro com os professores. Criamos uma Apostila Guia, a qual foi organizada da seguinte maneira:

- ✓ Capa com nome do curso, logomarca das instituições envolvidas, nome das autoras e seus respectivos contatos.
- ✓ Introdução sobre a dança no contexto da Educação Física.
- ✓ Capítulo sobre a UNESCO e os quatro pilares da educação.
- ✓ Capítulo sobre o que constitui uma dança para aplicar como conhecimento da Educação Física.
- ✓ Nossa defesa sobre a dança unida aos quatro pilares da educação.
- ✓ Primeiros passos, mostrando as tabelas com as frequências de respostas.
- ✓ Complementações e modificações de dinâmicas de aula.
- ✓ Sugestões de atividades com linhas disponíveis para modificações.
- ✓ Linhas disponíveis para construção das dinâmicas criadas em conjunto.

Além disso, organizamos um CD para ofertar aos professores, com músicas para serem trabalhadas com as atividades da apostila e outras mais para ampliar o repertório musical dos mesmos.

Ressaltamos a cautela para que o material atendesse as premissas observadas quando da análise dos dados e direcionamos o assunto para os anseios identificados nas entrevistas. Além disso, frisamos que as dinâmicas intentavam facilitar a execução dos elementos da dança, sem perder de vista a sua essência.

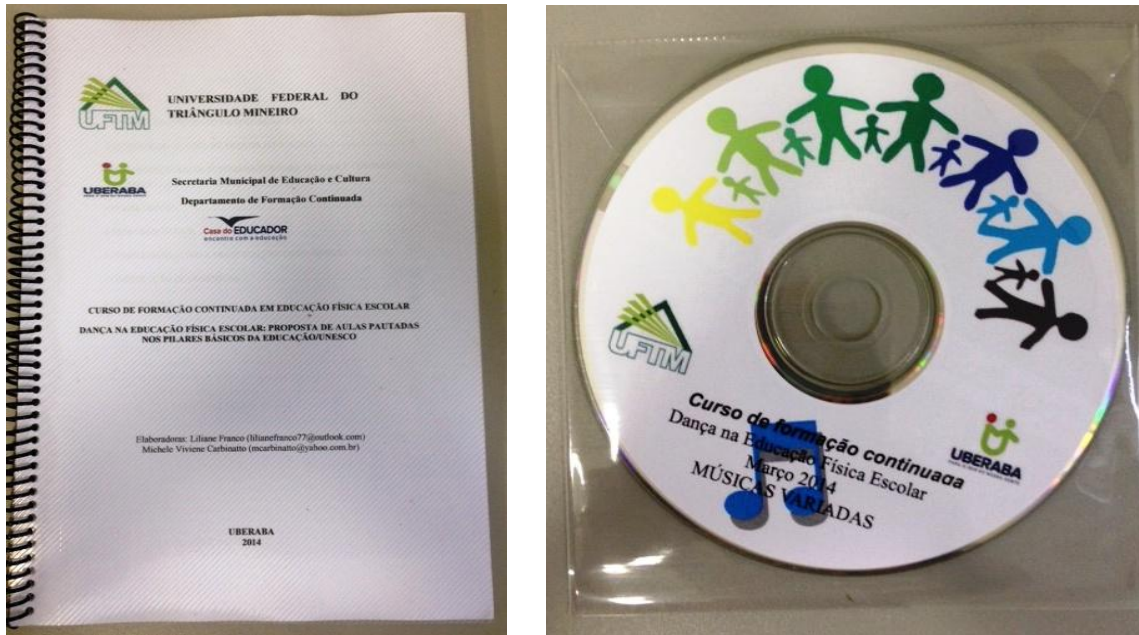


Figura 2 - Apostila e CD produzidos para o encontro com os professores

Fonte: Da autora, 2014.

4.3 ENCONTRO PARA DIÁLOGO E FORMATAÇÃO PRELIMINAR DA PROPOSTA

Após apresentar os resultados do diagnóstico aos responsáveis pela Secretaria de Formação Continuada, agendamos um encontro presencial com os professores em um dia efetivo de trabalho para que a presença pudesse ser maciça. Os que atuavam na prefeitura puderam se ausentar da escola na qual ministrariam aulas para participar de nosso encontro.

O encontro, realizado na Casa do Educador (Prefeitura de Uberaba) teve duração de 8 horas, foi realizado no dia 21 de março com a presença de treze professores.

A programação do encontro foi organizada da seguinte forma: apresentação da proposta, entrega e discussão do material-guia, contextualização da dança na Educação Física e os pilares básicos como base de aplicação pedagógica, apresentação dos resultados das entrevistas.

A parte prática foi norteadada pela Apostila Guia, na qual as dinâmicas, que continham elementos da dança, foram sugeridas como instrumento para se atingir o seu fim. Após a

vivência de cada dinâmica foi realizada uma pausa para reflexão, quando todos os envolvidos (professores e pesquisadores) apontaram pontos positivos, negativos, sugestões de mudanças, criações, avaliação, reflexão dos pilares básicos dentro de cada dinâmica e percepções gerais em relação às mesmas como meio para ensinar a dança.

Não pretendemos que as dinâmicas se tornem únicas, apenas que elas sejam mais um instrumento para estimular o conhecimento dança dentro de aulas de Educação Física escolar, apoiado na realidade dos professores entrevistados. Destarte, aquelas podem suscitar aulas também em outros contextos.

Utilizamos um quadro para facilitar o entendimento sobre as dinâmicas e as reflexões ocorridas no encontro.

DINÂMICA N.01 - DINÂMICA DO ELÁSTICO

Desenvolvimento:

Formar duplas. Cada dupla receberá um elástico, sendo que cada aluno deverá segurar uma ponta. Combinar antecipadamente um aluno com o outro, quem será o condutor e o conduzido, ao som e ritmo da música o aluno condutor estica o elástico em alguma direção e plano, o aluno conduzido deverá em seguida afrouxar o elástico indo ao encontro da direção e plano que o colega o conduziu, aproximando as pontas o elástico, ou seja, a mão do conduzido com a do condutor.

Princípios da dança elencados sob os objetivos educativos propostos pela UNESCO:

Aprender a conhecer: Essa dinâmica possibilitará que os alunos conheçam possibilidades de movimentos locomotores e não locomotores, formas, níveis e extensões.

Aprender a fazer: O aluno estará ampliando seu conhecimento em relação ao ritmo, à fluência no sentido de ser livre ou contida e a força se é forte, leve e suas tensões.

Aprender a conviver: O aluno terá que estar atento ao conduzir e ser conduzido e também terá que aprender a estar em contato com o outro e a respeitá-lo. Assim, irá trabalhar movimentos internos como tomada de decisão, sensações e expressões de sentimentos.

Aprender a ser: Isto acontece quando o aluno se sente integrado ao meio, quando existe uma assertividade, harmonia e operacionalidade, permitindo que o mesmo se entregue completamente à dinâmica e una o aprendizado da atividade, suas superações para as

mesmas, o equilíbrio da convivência e o meio.

Mudanças e inovações sugeridas pelos professores:

- Foi sugerido ouvir a música durante um tempo para que todos os alunos a conheçam e percebam o tempo musical.
- Marcar tempo da música com diferentes partes do corpo, antes de iniciar a dinâmica. Ex: Pé direito, pé esquerdo, estalo com dedos direito e esquerdo, elevação de ombros direito e esquerdo, cabeça para lado direito e esquerdo, deslocando para direita depois para esquerda, para frente e para trás.
- Outra sugestão dos professores é que nessa marcação cada lado do corpo seja trabalhado separadamente e depois trabalhem com os dois lados alternados.
- Realizar a mudança das poses na dinâmica em dois tempos e não em um só. Para isso, chamar a atenção dos alunos para a marcação do tempo musical.
- Otimização dos planos baixo, médio e alto. Foi sugerido que o professor também conduzisse os planos para realização das figuras no primeiro momento, e depois deixasse que os alunos pudessem perceber e usar a criatividade.
- Trabalhar com as direções: direita, esquerda, frente e atrás.
- Trabalhar com elástico em linhas curvas. Ao esticar o elástico, a pessoa conduzida chegar até a ponta do elástico girando, dando uma meia volta, etc.
- Realizar a extensão (esticar) do elástico e trocar de mão nesse momento, obrigando o colega conduzido a mudar a direção para realizar o relaxamento do elástico ou contração.
- Adaptar o elástico por barbante ou câmara de ar.
- Amarrar o elástico em várias partes do corpo, ao invés de só segurá-lo com as mãos. Ex: Amarrar elástico no tornozelo do conduzido e o condutor amarrar no punho. Ou, amarrar no joelho de um e no ombro do outro.
- Sempre lembrar de alternar o condutor com conduzido ou ainda que esses papéis se realizem ao mesmo tempo. Ex: Em uma marcação um conduz, o outro vai conduzido até a direção, na próxima movimentação quem foi conduzido conduz e o condutor passa a ser

conduzido, ou seja, experimentam ambos papéis ao mesmo tempo de dinâmica.

- Realizar a dinâmica mais de uma vez, pois na primeira vez que se realiza qualquer atividade nova, é favorável a descoberta e isso causa erros e falhas, mas com a repetição, o “fazer novamente” facilita a percepção do aluno para a essência da atividade.
- Sempre induzir os alunos a trocar as duplas para integrar, socializar.
- Usar linguagem diferente para explicar o tempo musical para os alunos. Ex: Ao invés de contar 1, 2, 3, utilizar sons “Tum, Tum, Tum” ou “Tum, Tum, Ta”, para mudar a direção no terceiro tempo, ou seja, no “Ta”.
- Antes de iniciar a marcação da música, deixar tempo livre para os alunos usarem a criatividade e dançarem de diversas formas.
- Quando a turma estiver um grande número, dividir a turma, enquanto alguns realizam a movimentação com elástico os outros sentam ou levantam e fazem a marcação com alguma parte do corpo ou com objetos, todos ao mesmo tempo. Nunca deixar alunos parados ou fora da dinâmica. Exemplo: Marcar tempo da música com a língua, com quadril, etc. Marcar tempo com bastão, com latinhas, etc. Alternar sempre, ou seja, quem fez a marcação em outro momento será quem vivenciará os movimentos com elástico.

Ressaltamos que algumas dessas sugestões surgiram devido ao espaço, à infraestrutura precária que os professores têm a disposição.

Percepção geral dos docentes:

- Os professores compreenderam e discutiram a ideia da contração e expansão na dança, vivenciada através do elástico.
- Falaram de suas experiências com dinâmicas parecidas. Ex: Dinâmica do espelho, na qual os alunos, em dupla, acompanham com as mãos posicionadas uma de frente para outra, a direção que o colega conduzi-lo.
- Comentaram e enfatizaram o quanto um objeto pode provocar o entusiasmo dos alunos e despertar interesse.
- Os professores comentaram que é importante sempre eles agirem conforme estávamos

fazendo, ouvindo uns aos outros.

- Foi mencionado que o feedback dos alunos pode ajudar a compreendê-los e ajudá-los de forma significativa.
- Foi percebido por eles que o ato de verbalizar o que sentiram com o corpo facilita na compreensão do todo, e isso pode ajudar as crianças também.
- Os professores perceberam que em suas aulas eles devem sempre parar para ouvir mais os alunos e que não necessitam aplicar um grande número de dinâmicas em um único dia de aula, pois o que deve ser prioridade é a qualidade de todas as dinâmicas, mesmo que uma única dinâmica dure um ou mais dias de aulas.
- Mencionaram que mesmo sem espaço grande as dinâmicas e a dança devem acontecer, pois tudo pode ser adaptado.
- Observaram a atividade de forma global, pois a mesma oferece oportunidade de discutir diversos assuntos, desde a dança, seus fundamentos, as possíveis falhas de convivência e o feedback dos sentimentos.

Fotos:



Figura 3 - Dinâmica do Elástico

Fonte: Da autora, 2014.

DINÂMICA N.02 - DINÂMICA DO BARULHO

Desenvolvimento:

Em círculo, cada aluno deverá criar um som utilizando o próprio corpo. Ex: Estalar dedos, bater na barriga, etc. Quando todos criarem seu som, em círculo, deverão experimentar fazer o som do colega. Logo em seguida devem tentar realizar um som em seguida do outro, porém desta vez acrescentar um tempo de 4x em cada movimento de som. Essa dinâmica pode acrescentar movimentos corporais dentro e fora do círculo, juntamente com os sons. Poderá também dividir o círculo em três grupos que ficarão responsáveis por sons e movimentações diferentes, as quais deverão ser realizadas ao mesmo tempo.

Princípios da dança elencados sob os objetivos educativos propostos pela UNESCO:

Aprender a conhecer: Possibilitará que os alunos conheçam o universo dos sons que nosso corpo é capaz de produzir, suas combinações de som, formas e movimentos não locomotores no círculo e locomotores fora dele, além de conhecer e desenvolver habilidades que relacionem o espaço, esforço e relações.

Aprender a fazer: Nessa dinâmica o aluno estará sendo desafiado a criar e fazer os movimentos para tingir um som, um ritmo, além de fazê-lo dentro do tempo, no espaço e fluidez desejada.

Aprender a conviver: Nesse ponto, o aluno terá que, mais uma vez, estar atento ao próximo, pois necessitará do colega para dar início ao seu som e movimento, também necessitará da criação do outro para que a atividade se torne significativa para ambos, desenvolver as relações.

Aprender a ser: Quando o aluno se comunica no meio e se sente integrado, parte dele compreende o sentido de união e a importância que ele representa naquele meio. Oportunidade de expor sua criatividade e seu sentimento dentro da movimentação e suas possibilidades diversas na dinâmica.

Mudanças e inovações sugeridas pelos professores:

- Após a criação de cada som, foi sugerido que observássemos os mesmos e trocássemos de lugar aqueles colegas que estavam próximo de colegas com sons do corpo parecidos para evitar confundir e criar um som mais harmonioso.
- Iniciar a dinâmica com tempo de 8 e somente quando todos fossem fazer juntos diminuir para 4 tempos, assim facilita a memorização da movimentação.
- Colocar falas cantadas entre as movimentações de sons.

- Professores utilizaram de experiências vividas para incrementarem a dinâmica, colocaram ritmo e movimentos e falas intercalando o “som criado” por cada um. Ex: Primeira fala: “Puga te pubeck pocarrom quê!” Segunda fala: “Perequecê, merequecê”.
- Após a experimentação surgiram novas possibilidades de falas cantadas, como ex: “Ô Chico dá um pão. Com manteiga!”.
- “Posso fazer a brincadeira”.
- “Para com isso”.
- “5, 6, 7, 8 tô de olho no almoço”.
- Foi sugerido mudar as figuras e posições. Ex: Fazer em filas ao invés de círculo; Criar grupos variados; Criar figuras intercaladas.

Percepção geral dos docentes:

- Podem criar com o próprio corpo diversos sons.
- Podem utilizar frases do cotidiano e transformar em letra de música (rap).
- Perceberam que podem utilizar os sons do corpo, unidos a movimentos isolados, e que estes podem se juntar aos movimentos dos colegas.
- Perceberam que a dinâmica trabalha a socialização de uma forma intensa, pois necessitam conversar, opinar na criação e desenvolvimento do som e movimentos realizados, principalmente quando estiverem divididos em grupo.

Fotos:



Figura 4 - Dinâmica do Barulho

Fonte: Da autora, 2014.

DINÂMICA N.03 - DINÂMICA DA VENDA

Desenvolvimento:

Formam-se duplas (o professor deve estar atento para que os alunos sempre se permitam formar novas duplas, nunca com as mesmas pessoas), cada dupla receberá uma venda. Deverá ser combinado com antecedência entre eles quem usará a venda primeiro. Ao iniciar a música o colega que estiver sem a venda, que chamaremos de “energizador”, deverá tocar com uma de suas mãos uma parte do corpo do seu colega vendado, o qual responderá o toque com um movimento bastante enérgico e contínuo para que seja percebido e nítido qual parte foi “energizada”. E assim segue sucessivamente, depois inverte os papéis entre vendado e energizador.

Princípios da dança elencados sob os objetivos educativos propostos pela UNESCO:

Aprender a conhecer: Esta dinâmica possibilitará os alunos a sentirem seus movimentos, a conhecerem o sentido de energia e sensações, criatividade, direções, liderar, como trabalhar em duplas.

Aprender a fazer: Neste momento aluno estará vivenciando o aprendizado em relação ao tempo, se rápido ou devagar, ao espaço pessoal e geral e a fluidez contida ou livre.

Aprender a conviver: Nesta dinâmica, o aluno trabalhará com o respeito ao corpo do próximo, o autocontrole, a confiança que terá que ser depositada no outro e o ato de compreender o momento de realizar determinada função, seus espaços individuais e gerais.

Aprender a ser: Esse aprendizado é despertado quando se percebe a assertividade no desenvolvimento da dinâmica e a integração entre os participantes.

Mudanças e inovações sugeridas pelos professores:

- Usar como regra da dinâmica somente movimentar a parte energizada.
- Utilizar somente movimentos circulares na parte do corpo que foi tocada (energizada).
- Progredir a dinâmica em determinado momento para a movimentação dos três últimos toques. Ex: Foi tocado o ombro, movimente-o, em seguida tocado o joelho, movimente-o, mas continue com o ombro, logo foi tocada a cabeça, movimente-a e continue com os outros dois. Após a cabeça ser tocada, foi tocado o pé, neste momento abandona o movimento do ombro e prossiga com os demais, e assim sucessivamente. Sempre contando os três últimos movimentos.
- Observar para seja movimentado somente a parte ou lado tocado. Sugeriram essa observação, pois aconteceu de tocar no ombro direito da pessoa e este responder o movimento com ombro esquerdo. Ou combinar antecipadamente para que isso seja uma

regra.

- Se a turma não der número par, sugeriram trabalhar em trios ou em grupos, com alguns colegas dentro do círculo (vendados) e outros fora, para energizar (tocar).
- Trabalhar em círculo. O aluno toca o colega ao lado energizando uma parte do seu corpo, um de cada vez, e este faz o mesmo com o colega seguinte, porém continua com a sua movimentação e assim segue, podendo todos saírem do movimento, somente quando for tocado novamente. Alternar os toques, ora segue para a direita, ora para esquerda.
- Trabalhar com movimentos de contração e expansão e planos diversos, impedindo que os alunos façam apenas movimentos fechados e em pé.
- Criar como regra o silêncio, pois na vivência com os professores, aconteceu de alguns que estavam sem a venda rirem alto e os colegas vendados sentiram constrangidos.

Percepção geral dos docentes:

- Acharam interessante estar de olhos vendados, pois ajuda a perceber a música e o toque do colega fica bem nítido, pois um dos principais sentidos deixa de funcionar e permite que outros sejam aguçados.
- Perceberam que trabalhar com a venda facilita no processo de desinibição.
- Que estar com os olhos vendados estimula a concentração no ritmo da música.
- Perceberam que a escolha de uma música facilita na percepção dos movimentos, sugerindo trabalhar com ritmos marcados e diversos.
- Mencionaram que quanto mais o professor der oportunidade dos alunos vivenciarem a dinâmica, mais eles conseguirão estar com eles mesmos. É quase um momento de reflexão, o aluno perceber o seu corpo, olha para dentro de si mesmo.

Fotos:



Figura 5 - Dinâmica da Venda

Fonte: Da autora, 2014.

DINÂMICA N.04 - DINÂMICA DO CÂNONE

Desenvolvimento:

Dividir a turma em grupos de quatro pessoas (sugestão), todos deverão estar em fila na lateral (ombros com ombros). Ao som da música a primeira pessoa da fila realiza um movimento, em seguida o segundo faz o seu movimento, depois o terceiro, e logo o quarto. Assim recomeça no primeiro, sendo que todos deverão realizar novos movimentos, e assim segue sucessivamente.

Princípios da dança elencados sob os objetivos educativos propostos pela UNESCO:

Aprender a conhecer: Essa dinâmica possibilitará que os alunos conheçam o sentido de cânone, suas possibilidades de movimentação.

Aprender a fazer: Neste momento o aluno estará ampliando seu conhecimento em relação à contagem, ao tempo musical, à fluência no sentido de ser contida e livre, às tensões, ao espaço, as direções, formas, movimentos locomotores e não locomotores, níveis e à experiência de vivenciar fazer o cânone, quando iniciar esse movimento seqüencial, criação.

Aprender a conviver: Esta é parte em que se ativa a atenção ao próximo, se percebe que necessita do outro e que deve existir uma harmonia, uma precisão e habilidades conjuntas para a boa operacionalidade e convívio. É trabalhada a paciência e o sentido de compreender o outro, suas limitações e seu desenvolvimento, aprendem a combinar movimentos, liderar, seguir, criar, relacionar.

Aprender a ser: Este é o momento em que o aluno se integra ao que está sendo realizado e sentido. Onde a comunicação não verbal, a assertividade e a operacionalidade acontecem fluentemente. Mais uma vez oportuniza o aluno usar sua criatividade e se posicionar em relação ao meio.

Mudanças e inovações sugeridas pelos professores:

- Trabalhar com grupos isolados em fila e em círculo.
- Repetir o mesmo movimento ou cada pessoa de um grupo faz um movimento diferente.
- Criar como regra movimentos grandes ou movimentos pequenos.
- Movimentos crescentes e decrescentes. Ex: O primeiro aluno inicia o movimento no plano baixo e o último termina no plano alto, o que vale para o inverso.
- Trabalhar com contagem e depois sem, para que os alunos percebam o ritmo e o tempo.
- Variar nos ritmos. Colocar músicas rápidas, moderadas e lentas.
- Criar grupos, porém misturar todos os participantes dos grupos pelo espaço, ainda

continuam se movimentando conforme o cânone. Cada integrante do grupo continua com sua movimentação, porém longe dos seus companheiros de grupo.

Isso pode ser realizado ao mesmo tempo, ou pode ser pré-estabelecido, decidirem quem será o 1°, 2° e 3° grupo, o 1° grupo realiza sua movimentação e os demais ficam em uma pose (estátua) e ao terminarem, pararem em uma pose criada pelo grupo, em sequência o 2° grupo inicia suas movimentações, ao terminarem para na pose e o grupo 3° inicia, e assim segue sucessivamente.

- Trabalhar cânone apenas com alguma parte do corpo em coreografias. Estimular para que os alunos percebam essas possibilidades.

Percepção geral dos docentes:

- A dinâmica possibilita o aprender a conviver de uma forma prazerosa.
- Ajuda no processo de aceitação dos limites de cada um.
- Faz com que o aluno se sinta importante em um meio social.
- Perceberam que após essa dinâmica, podem utilizar das criações dos alunos para transformarem em coreografia.

Fotos:



Figura 6 - Dinâmica do Cânone

Fonte: Da autora, 2014.

Desenvolvimento:

Dividir a turma em trios, sendo que deverão simular uma situação de treino que contenha uma bola (imaginária), terão de dominar e tocar ou apenas rebater a bola para os colegas do grupo com diferentes partes do corpo e em velocidades, intensidades, formas e planos diferentes de tocar na bola. Ex: receber a bola imaginária com a cabeça, tocar com joelhos, de orelha, de bumbum, etc. Obs. Sempre deixar que os alunos criem seus próprios movimentos. Sugere não expor esses exemplos.

Princípios da dança elencados sob os objetivos educativos propostos pela UNESCO:

Aprender a conhecer: Este aprendizado se dá na compreensão das movimentações em relação as partes do corpo com a “bola imaginária”.

Aprender a fazer: Descobrirão a melhor maneira de se movimentarem, relacionando a forma, velocidade, tempo, força, extensões, direções, níveis, rotas e fluência.

Aprender a conviver: Este está presente em todo momento da atividade, quando os alunos necessitarão trabalhar o companheirismo, pois os mesmos estarão envolvidos na movimentação uns dos outros para que seu movimento e aprendizado sejam significativos, combinado movimentos, seguindo e liderando.

Aprender a ser: Este aprendizado se dá na operacionalidade, integração, comunicação, nas relações.

Mudanças e inovações sugeridas pelos professores:

- Introduzir alguns esportes. Ex: Jogo de vôlei.
- Estimular os alunos a recepcionarem a bola imaginária com partes diversas do corpo.
- Trabalhar com tempos/contagens diferentes, tanto para fazer o passe quanto para recepcionar.
- Trabalhar em grupos menores. Um grupo “dança-jogando” contra o outro.
- Ao final dessa dinâmica, encerrar com um jogo que envolve todos. Ex: Jogo de vôlei, todos os alunos posicionam e trabalham os passes, recepções, ataques e defesas com a bola imaginária.
- Pedir que os alunos demonstrem a emoção do tocar e receber a bola através de sua expressão facial e corporal.

Percepção geral dos docentes:

- Perceberam que a dança pode e é uma grande aliada a Educação Física, inclusive para se trabalhar em contexto com os conteúdos da disciplina.

- Ficou mais claro que qualquer movimento pode se transformar em dança.
- Cada aluno terá que observar bem o colega para saber em qual direção o colega lançou a bola imaginária.
- Afirmaram mais uma vez que a dança é uma construção conjunta e não reprodução de movimentos.
- Permite que o professor conheça habilidades e iniciativas dos alunos, percebendo o seu potencial.
- É um diferencial na dança o poder de colocar o aluno em um mundo imaginário, onde eles externalizam seus sentimentos, além de fazer com que o professor perceba as emoções exploradas e canalizadas em cada movimento.

Fotos:



Figura 7 - Dinâmica do Esporte

Fonte: Da autora, 2014.

DINÂMICA N.06 - DINÂMICA DOS OBJETOS

Desenvolvimento:

No início informar quais os objetos estarão presentes na dinâmica e pedir ajuda para que sejam incluído mais três objetos. Nossa sugestão serão os seguintes objetos: estátua, rolo de macarrão, pipoca, panela de pressão e avião. Deverão ser combinado movimentos com o corpo que representem esses objetos. Ao som da música cada criança deverá dançar da forma que quiser, tentando acompanhar o ritmo da música, sem copiar o colega. Quando a música parar deverá ser feito o movimento pré-combinado do objeto que o professor (a) anunciar. O professor poderá ser substituído por alunos. Propor que os alunos sugiram

diferentes objetos e suas movimentações.

Princípios da dança elencados sob os objetivos educativos propostos pela UNESCO:

Aprender a conhecer: Este aprendizado se dá quando a atividade é proposta e inicia o processo de conhecimento e percepção das possíveis ações.

Aprender a fazer: É neste momento que o aluno trabalhará sua criatividade, a qual envolverá elementos da dança que envolva o corpo, movimentos locomotores e não locomotores, espaço, esforço e as relações.

Aprender a conviver: Este aprendizado acontecerá durante todo processo de realização da dinâmica, pois dentro de um espaço delimitado todos os alunos deverão se deslocar respeitando o espaço do outro, juntando, afastando, seguindo, imitando, assim como suas maneiras de se expressar as emoções.

Aprender a ser: É neste momento que se dá compreensão do momento vivido, assim como a operacionalidade e as relações em geral.

Mudanças e inovações sugeridas pelos professores:

- Utilizar movimentos de animais no lugar de objetos.
- Criar junto com as crianças os objetos.
- Ter cautela para colocar objetos com ritmos e movimentos bem diversos próximos uns aos outros.
- Aproveitar a pausa da estátua e trocar as músicas, colocando ritmos variados.
- Trocar a estátua por “descansa/ativa”, para que o aluno também trabalhe a contração e relaxamento, contração e expansão.
- Colocar planos variados, durante a conduta da dinâmica. Ex: Baixo, médio e alto, que podem ser tanto na parte da pausa da música quanto na movimentação.

Percepção geral dos docentes:

- Foi dito o quanto faz diferença ouvirmos os alunos, deixarem eles se posicionarem e participarem da construção das dinâmicas de aulas.

Fotos:

Figura 8 - Dinâmica dos Objetos

Fonte: Da autora, 2014.

No decorrer do processo, eram comuns alusões das dinâmicas como possibilidades atrativas aos alunos da educação básica e apoio para organização didática das aulas dos professores.

Na construção das dinâmicas, as enfatizávamos como facilitadoras, ou seja, caminhos para se atingir a dança. Esta seria concretizada, de fato, em uma última proposta: a dança da história.

A DANÇA DA HISTÓRIA

Desenvolvimento:

Inicia-se contando uma história, mas dando ênfase nos verbos de ação. Para cada um, criar movimentos que os interpretem.

Em dado momento, solicitar aos alunos a continuação da história, sendo que os mesmos devem focar nesses verbos de ação e em toda criação conjunta.

Finalizando-a, requisitar que seja realizada a dança (os movimentos) juntamente com a contação da história, em seguida parar de contar a história e apenas fazer os movimentos, logo, fazer os movimentos da história ao som de uma música. Concretizando, assim a dança.

Após a aprendizagem, sugere-se dividir a classe em dois grupos. Enquanto um grupo

apresenta a composição, o outro é expectador e analisa a mesma. Em seguida, invertem os papéis. Para finalizar, solicitar aos alunos que exponham suas opiniões em relação às vivências que participaram. O professor deverá atentar-se para discutir sobre os dois papéis.

Princípios da dança elencados sob os objetivos educativos propostos pela UNESCO:

Aprender a conhecer: Aos alunos essa dinâmica possibilitará o conhecimento de suas potencialidades de criadores, vivenciar e participar do processo de criação e suas estimulações, conhecer como seu corpo é capaz de interpretar movimentos e expressões de sentimentos.

Aprender a fazer: Neste momento o aluno, percebendo e sentindo o poder da sua criação em seu próprio corpo, estará desenvolvendo suas habilidades com o corpo em relação ao espaço, esforço as relações. Oportunizando utilizar dos elementos da dança vivenciados nas dinâmicas transformando-os na própria dança.

Aprender a conviver: O aluno terá que estar atento à sua criação e respeitar a criação do outro, liderar e seguir. Terá que aguçar seu poder de aceitação e crítica. Ativar a percepção das diferentes formas de pensar sobre um mesmo assunto e entender o quanto é importante o convívio para uma transformação e criação positiva. Compreender que pensamentos e atitudes desconexas com o favoritismo do bem comum causa desordem e atinge consequências drásticas. Este aluno percebe que precisará ter cautela com os pensamentos e ações, pois toda ação terá uma reação. E caberá a cada indivíduo escolher como agir para se ter reações positivas ao convívio comum.

Aprender a ser: Mais uma vez, essa possibilidade acontece quando o aluno se sente integrado ao meio, participante, criador, facilitador e compreensível. Quando existe a comunicação, assertividade, harmonia, humildade, atitude e operacionalidade. Quando se tem equilíbrio físico, mental e espiritual para lidar com esse processo de criação conjunta.

Mudanças e inovações sugeridas pelos professores:

- Trabalhar com histórias temáticas que envolvam a realidade dos alunos, ou algum ensinamento. Ex: Drogas, respeito, contos, poemas.
- Criar histórias fictícias que traduzam essas verdades.
- Procurar músicas da mídia, mas ter cautela quanto às letras, desde que sejam favoráveis a trabalhar no ambiente educacional, utilizar as mesmas, pois é um atrativo, uma forma de despertar o interesse dos alunos para participarem.

Percepção geral dos docentes:

- Perceberam que são capazes de criar histórias e as transformar em coreografias.
- Notaram que nenhum movimento foi passado de forma mecânica e também não foram realizados de forma isolada.
- Foi citado o quanto faz diferença uma dança com contexto, com histórias e referências.
- Pontuaram que é positivo o aluno participar da construção coreografia, assim “a dança faz mais sentido”.
- Foi dito que não precisam ficar focando na reprodução de um passo de dança isolado, até que os alunos acertem.
- Que o mais significativo é que todos participem, dançam do seu jeito, com suas limitações, mas que estejam envolvidos no contexto, superando suas habilidades físicas e liberando sua energia, sua emoção no ato de dançar e se envolver com o momento.
- Sem a cobrança de estar certo ou errado foi interessante, pois essa dança foi a representação de uma história que todos compreenderam, não importa se os passos de um não foram bem executados quanto do colega. Pois foi respeitada a individualidade de cada um.

Fotos:

Figura 9 - Dança da História

Fonte: Da autora, 2014.

Esta última vivência da história foi nossa concretização da dança, e vale deixar registrada a história que foi criada e interpretada, bem como apontar os elementos da dança que fizeram parte dessa construção coreográfica.

Eis a história: “Esta é a história do Tarzan, ele que vivia na floresta amazônica. Certo dia, ao acordar, como de costume, logo após escovar os dentes (fizemos uma ressalva sobre a importância da higienização da boca), Tarzan pegou em um de seus cipós, e saiu desbravando a floresta com seu grito ensurdecedor ôôôôôôôôôô... Quando em um ato desatento ele bate em uma árvore, nesse momento, ele perde o cipó e cai escorregando pela árvore, quando chega no chão começa a dar alguns ‘estremilgues’ e sofre convulsões, quando sem perceber, pisa em um formigueiro, nesse instante as formigas começam a subir em seus pés, ele assusta com as formigas, para de sofrer as convulsões e começa tirar as formigas de seus pés, depois, tenta pisar nas formigas. De repente Tarzan ouve um barulho, era uma nave espacial, ele olha para céu assustado, tenta se esconder, mas não tem jeito, o extraterrestre o vê e desce da nave, Tarzan então corre, mas o extraterrestre o persegue e os dois lutam, esquivam, lutam mais um pouco, quando Tarzan percebe um rio ao seu lado, ele pula no rio e sai nadando de costas, e consegue despistar o extraterrestre, é quando ele salta no barranco e consegue ir embora para sua casa”.

Durante o processo de criação da história, os professores foram também construindo e identificando elementos da dança que poderiam compor a coreografia, ao mesmo tempo em que atendessem a interpretação da história.

Reescreveremos a história e, desta vez, pontuaremos quais elementos da dança foram instalados, destacando os mesmos em negrito.

“Esta é a história do Tarzan, ele que vivia na floresta amazônica (Inicia-se a coreografia no **plano baixo/curvado**, corpo **perto, equilibrando-se**). Certo dia, ao acordar, (ir levantando os braços, **alongando** para **plano alto**, fazendo **expressão facial** de quem acaba de acordar, subir na ponta dos pés e **equilibrar no plano alto**) como de costume, logo após escovar os dentes, Tarzan pegou em um de seus cipós, e saiu desbravando a floresta com seu grito ensurdecedor ôôôôôôôôôô... (fazer os gestos de pegar no cipó, realizando o grito do Tarzan e se **deslocar saltitando** para **direita**). Quando em um ato desatento ele bate em uma árvore (**interromper** o movimento de forma **brusca e expressão de susto**), nesse momento, ele perde o cipó e cai escorregando pela árvore (movimento de **deslizar**), quando chega no chão (**plano baixo**) começa a dar alguns ‘estremilgues’ e sofre convulsões (ir **deslocando para trás** fazendo **zigue zague** de forma **rápida, com expressão de sofrimento**), quando sem perceber, pisa em um formigueiro, nesse instante as formigas começam a subir em seus pés, ele assusta com as formigas, para de sofrer as convulsões e começa tirar as formigas de seus pés (sacode as formigas, soltando uma perna na **lateral** e depois a outra, realizando pequenos **saltitos, expressão de sufoco**), depois, tenta pisar nas formigas (alternar os pés no

tempo da música, hora colocando um pé **para frente** e hora o outro, **expressão de determinação**). De repente Tarzan ouve um barulho, era uma nave espacial, ele olha para céu assustado (realizar semi círculos com o tronco em linhas **curvas, expressão de susto**), tenta se esconder, mas não tem jeito (flexionam joelhos, ficando no **plano médio e expressão de medo**), o extraterrestre o vê e desce da nave, Tarzan então corre (**deslocamento em círculo, sentido horário, expressão de apavorado**), mas o extraterrestre o persegue e os dois lutam, esquivam, lutam mais um pouco (realizar movimentos de ‘jab’ e esquiva com **força e rápido, com expressão de determinação**), quando Tarzan percebe um rio ao sua frente, ele pula no rio (**saltar para frente, expressão de ânimo**) e sai nadando de costas (movimento dos braços do nado costas, **andando para trás**), e consegue despistar o extraterrestre, é quando ele salta no barranco e consegue ir embora para sua casa (**alongar e saltar com expressão de felicidade**)”.

É claro que em apenas uma vivência da dança, não pudemos incluir todos seus elementos, mas a partir dela, compreender, criar e refletir na prática o que compõe os movimentos para dançar e ainda perceber e estimular os objetivos educativos dos quatro Pilares Básicos propostos pela UNESCO.

Acreditamos que a dança da história, que encerrou nossa proposta para ajudar a aplicar a dança dentro do contexto da Educação Física, servirá de referência para novas criações e direcionamentos, para ampliar a prática da dança dentro das aulas de Educação Física de forma consciente.

A seguir, demonstramos as dinâmicas criadas pelos professores durante o encontro, firmando e provando que a participação dos mesmos foi positiva.

Citaremos as dinâmicas criadas pelos professores durante o encontro

Dinâmica 1: Usar um elástico grande o bastante para toda a turma. Posicionar os alunos em círculo e, em seguida, passar o elástico em suas mãos de frente para eles, ou seja, todos estão em círculo, em volta do elástico, segurando-o. Enumerar os alunos, alternando-os em números 1 e números 2. Ao comando do mestre realizar as movimentações.

Ex: Números 1 um passo a frente, e números 2 um passo para trás. Números 1 plano baixo, números 2 plano alto, números 1 pisem no elástico, números 2 passam elástico no pescoço e fazem pose de avião com a perna direita para cima, e assim segue.

Outra sugestão para a mesma atividade foi deixar que os alunos conduzissem as movimentações livres, apenas sem soltar o elástico.

Foi sugerido trabalhar com os alunos dentro e fora do elástico.

Também permitir que os alunos sejam os mestres e apontem a direção. Ex: O João diz: Maria! E todos vão em direção a Maria, logo quem sentir vontade diz o nome de outro colega e todos vão nessa direção, e assim segue sucessivamente.

Dinâmica 2: Formar duplas. Cada dupla receberá uma bola pequena colorida de plástico. Uma criança inicia com a bola e a outra a receberá com um toque. Ao som da música, a criança que estiver com a bola massageará ou apenas tocará em uma parte do corpo do colega, o qual deverá responder ao toque ou massagem chacoalhando a parte tocada.

Gradativamente ir dificultando a dinâmica, acrescentando outra cor de bola.

Colocar como regra que determinada cor encoste apenas nas partes superiores do corpo do colega e que outra cor encoste nas partes inferiores dos corpo do colega. Ir acrescentando lados, direito e esquerdo, e assim por diante.

Sempre se lembrar de trocar os papéis das crianças, quem tocou sempre deve experimentar ser tocado.

Dinâmica 3: Posicionamento em duplas. Cada dupla receberá um papel de seda, a primeira opção é que realize a mesma atividade mencionada anteriormente (Atividade 2), caso não possuam as bolas coloridas, transformando esse papel em uma bola. A segunda sugestão é que utilizem essa bolas para que sejam lançadas em determinada parte do corpo do colega que deverá ser movimentada. Ex: Quem iniciar com a bola de papel se posiciona de pé em uma perna só (equilíbrio), há alguns centímetros do colega da dupla. Ao som da música, lançar a bola na direção de alguma parte do corpo do colega, a parte que a bola encostar deverá começar a dançar no ritmo da música tocada. Inverter os papéis.

Ou sugestão é que, ao lançar a bola, grite a parte que deseja acertar, assim poderá ser observada a força, nível de direção e atenção de quem recebeu a bola para que dance com a parte do corpo tocada pela bola e não a mencionada pelo colega.

O encontro com os professores foi gratificante e fecundo. Os professores presentes participaram ativamente das dinâmicas, no sentido de realizá-las, reconstruí-las, debatê-las e questioná-las.

Durante o encontro os professores ficaram à vontade e compartilharam histórias pessoais sobre suas vivências na escola, sobre como o professor é importante na vida dos alunos, sobre as responsabilidades que os mesmos têm em incluir os alunos, sem exceção, em suas aulas.

Foi mencionado várias vezes que mesmo diante das dificuldades e limitações dos próprios professores e alunos “não podemos desanimar” o aluno e nem sentir desencorajados, pois cada indivíduo tem suas limitações e suas vivências anteriores à escola e devemos respeitar esse contexto.

Como exemplo foi citada uma aluna do 1º ano do Ensino Médio, aluna de um dos professores do encontro (P9) que foi transferida para a escola nesse ano (2013) e nunca vivenciou uma aula de Educação Física.

Percebemos que os professores tinham uma visão mecânica da dança, apenas como reprodução de movimentos, e não a utilizavam como conhecimento da Educação Física. O encontro por si só nos ofereceu grande respaldo quanto à sua importância na vida profissional desses professores, como comprovamos na fala de alguns ao final do curso “Muito obrigada! Você modificou o meu jeito de pensar. Você me fez ver a dança com outros olhos. Estou com outra ideia. Eu já quase dançava e não sabia” (É válido ressaltar que esse professor disse essa frase emocionado, com lágrimas nos olhos e com sentimento de gratidão) (P14).



Figura 10 - Momentos durante o Encontro com os Professores

Fonte: Da autora, 2014.

4.4 RETORNO PEDAGÓGICO

O reencontro para retorno pedagógico aconteceu no dia 24 de maio, data combinada com antecedência no encontro do dia 21 de março. Todos os treze professores presentes concordaram em nos reencontrarmos nessa data.

No entanto, estiveram presentes nesse dia apenas quatro professores, os quais nos trouxeram um retorno positivo. Eles aplicaram as dinâmicas, sugeridas e reconstruídas, e afirmaram que deram certo!

Abaixo indicaremos as adaptações sugeridas pelos professores para algumas dinâmicas após a aplicação prática com os alunos, novas dinâmicas sugeridas e, principalmente, a percepção geral dos mesmos.

Adaptações das dinâmicas após aplicarem nas escolas:

- Adaptaram a atividade do elástico com bolas coloridas de plástico, sendo que os alunos, em duplas, tinham que tocar com a “bolinha” em diferentes partes do corpo do colega.
- Adaptaram a dança historiada. Pois no nosso encontro construímos juntos a história do Tarzan, na escola eles criaram outras histórias, conforme foram observando o cotidiano dos alunos.
Foi criada a “dança do Homem Aranha”, os alunos construíram a história em conjunto e dançaram.
- Na dinâmica do cânone o professor P13 utilizou somente movimentos de super-heróis com os alunos do Ensino Fundamental I.

Novas dinâmicas sugeridas:

- Criaram uma dinâmica na qual os alunos formaram grupos de três pessoas e cada grupo criava seus movimentos sem a interferência do professor. Ao fim de determinado tempo, que foi combinado com antecedência, cada grupo apresentou seus movimentos para os colegas e no final todos os grupos juntos deveriam fazer seus movimentos imitando uma serpente, e assim trabalharam a criação, socialização, autoconhecimento, superação, contração e expansão e movimentos locomotores.

Percepção geral dos professores após aplicarem as dinâmicas:

- “As atividades permitiram movimentos diferenciados e que davam para complicar a atividade com o próprio corpo” (P13).
- Dificuldades de alguns professores em relação ao espaço físico, como exemplo: dividir

quadra, retirar mesas de refeitório, dificuldade em ouvir a música, ambientes abertos e muita coisa acontecendo ao redor dificultavam a atenção dos alunos. Ou seja, as dificuldades não estavam mais voltadas à dança, mas ao ambiente externo. Os professores perceberam que não era questão direta da infraestrutura, mas de organização logística. Outro exemplo: Vans ficam embaixo da mangueira (que é a única sombra da escola) e os professores devem ficar no sol.

Foi compartilhado por um professor que para realizar a dinâmica do elástico ele ouvia a música em um espaço com os alunos e depois todos se deslocavam para um lugar mais amplo para realizarem a movimentação (sem a música), mas nesse momento o professor fazia o som da batida da música, facilitando os alunos a perceberem o ritmo e tempo.

Esse professor não pontuou isso como negativo, disse que foi uma dificuldade, mas que é possível trabalhar sem música.

- Os professores pontuaram que as atividades clarearam no entendimento da “dança não ser apenas coreografia pré-moldada, vai além”. (P9).

- “Nós trabalhávamos a dança, mas em outro ângulo” (P5).

- Perceberam que faziam algumas atividades que eram ligadas ao fundamento da dança, mas que não sabiam disso.

- “Os alunos pararam para ver o novo!” (P9) Perceberam que propor algo novo e diferente atrai a atenção e envolve mais o aluno em sua aula.

- Quando os professores fizeram a dinâmica do Tarzan pensaram que os alunos fossem ter preconceito, mas não foi o que aconteceu, os alunos gostaram muito.

- Na dinâmica do Tarzan o professor P9 fez destaque aos pilares da UNESCO, dizendo: “Eles aprenderam a viver em conjunto, até chegarem a um consenso na hora da criação da história para dançarem”.

- Perceberam que trabalharam a dança, mas sob outra perspectiva. Que a dança pode ser mais que uma coreografia.

- Alunos melhoraram a atenção ao ouvir o som. “A audição deles melhorou, o saber ouvir! (P13). Antes eles ouviam uma música por ouvir, despertou neles essa atenção, de perceber a música”. “Porque às vezes a gente escuta, mas está escutando por escutar e só repete, a atenção deles para essa marcação, porque antes não tinham...” (P5)

- Melhoraram a atenção para marcação de música.

- Alguns professores que atuam também na Educação Infantil e Ensino Fundamental II utilizaram as atividades também para essas faixas etárias e foi bem interessante. Todos os

alunos e idades se interessaram e passaram a criar mais. Perceberam que os pequenos, de 3-5 anos repetem muito.

- Na dinâmica do Elástico: pensaram que alunos do Ensino Fundamental II fossem ter resistência, mas amaram o elástico em diversas partes do corpo e até pediram para repetir a dinâmica. “Até criança com síndrome de down fez a atividade” (P5).

- Perceberam que a dinâmica da dança historiada fez com que os alunos vissem o processo de construção de coreografia de forma diferente e menos maçante.

- As atividades em grupos foram boas, mas perceberam a dificuldade, principalmente dos meninos, de chegarem a um consenso e trabalhar a democracia.

- Perceberam como negativo: “O processo das atividades tem seu ápice no final da aula (50’)” (P13).

- As atividades ampliaram a linguagem do corpo, tanto os alunos quanto os professores perceberam isso. “Eles conseguiram comunicar com corpo” (P13).

- Os professores compartilharam que já estavam aplicando a dinâmica da dança historiada para elaboração das coreografias da festa junina, ressaltando que estava sendo diferente e positivo até o momento esse processo de construção e entendimento, por parte dos alunos, pois estavam usando como base a história como dinâmica para dar significado e construir junto com os alunos a coreografia. “Agora faz mais sentido para os alunos... é mais divertido” (P5).

“Eles sabem o que estão fazendo” (P1).

- Percebemos através das falas de alguns professores, de forma mais clara, o quanto foi positivo todo processo, desde o encontro, a prática e retorno pedagógico.

“Desde nosso primeiro encontro começamos a pensar diferente...” (P13).

“Passei a entender que a dança é o processo e não o produto final, coreográfico” (P9).

- “As atividades, de maneira geral, permitiram maior criatividade, movimentos naturais e básicos” (P5).

- As músicas que selecionadas eram diferentes e atuais. Mostrou “que os professores podem e devem buscar o isso, para estarem mais perto da realidade dos alunos” (P9).

Fotos das aulas de alguns professores a partir das dinâmicas criadas:







Figura 11 - Registro das aulas de alguns Professores

Fonte: Professores participantes do encontro, 2014.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com esse estudo interligar a coleta de informações da pesquisa com o que se pode realizar a partir dela. Intentamos minimizar a distância entre descobrir algo e modificar algo.

De maneira geral, percebemos que todo processo da pesquisa foi de grande valia para os professores e pesquisadoras.

Temos consciência de que todo trabalho sempre pode ser melhorado, mas dentro das condições que os professores sujeitos de nossa pesquisa, tratavam a dança (nas datas comemorativas), dentro de seus maiores anseios (o que ensinar e como ensinar a dança dentro da Educação Física e infraestrutura), conseguimos modificar para melhor o que era a realidade. Percebemos que, após a realização de nosso encontro, no sentido das reflexões, dinâmicas e dança, além de reverter à prática, foi plantada esperança e desejo de mudança.

Percebemos também que os professores saíram do encontro e ainda no retorno pedagógico, entusiasmados e mais confiantes para trabalharem a dança na Educação Física.

Nossa meta foi cumprida, construímos dinâmicas de dança para as aulas de Educação Física sendo que todas foram pautadas nos pilares básicos da educação propostos pela UNESCO, (uma vez que estas estarão inseridas em aulas da educação básica) e ainda criadas a partir da realidade daqueles que atuam (professores).

Não desvelamos aqui uma estruturação fechada de como aplicar a dança como conhecimento da Educação Física, apenas refletimos sobre o papel da mesma nesse meio e pudemos a partir de uma realidade construir um norte para consolidar a realidade da mesma e ainda fortalecê-la com uma base de aplicação pedagógica rica no potencial de prover o próximo.

Acreditamos que mais do que ter colaborado para efetivação da dança na realidade das aulas de Educação Física dos professores sujeitos e na vivência de seus alunos, a pesquisa favorecerá outros professores da área que corroboram com alguma das dificuldades aqui apontadas para trato com a dança, favorecerá a mudança da realidade de crianças que ainda não foram permitidas o prazer e benefícios do ato de dançar. Bem como, a pesquisa sugere um caminho para trabalhar a dança nas aulas de Educação Física escolar embasada na UNESCO e na realidade de professores atuantes.

Se os professores sujeitos vão continuar desenvolvendo o trabalho, construindo novas dinâmicas não nos cabe julgar, mas uma semente foi plantada e a certeza de que os professores presentes no “Retorno pedagógico” desenvolveram, adaptaram e criaram dinâmicas de forma ímpar, atingindo nosso objetivo. Dando-nos a certeza e alegria de um trabalho participativo.

Mesmo que os caminhos da dança na Educação Física pareçam ser escabrosos e fatigantes para alguns professores “enriquecer o trabalho profissional, adquirindo conhecimentos novos, é simples dever!” (XAVIER, LUIZ, 2009, p.48).

A luta é condição para vitória!

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, S. **Educação e Transdisciplinaridade**: Crise e reencantamento da aprendizagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- ANTUNES. C. **A prática dos quatro pilares da educação na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- ASSIS, M. D. P.; SIMÕES, R. M. R.; GAIO, R. Dança na escola, um estudo a partir do discurso dos envolvidos. **Movimento e Percepção**. Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n 14, Jan./Jun. 2009.
- AUSUBEL, D. P. Alguns aspectos psicológicos de la estructura del conocimiento. Buenos Aires: El Ateneo, 1973.
- BARRETO, D. **Dança...: ensino, sentido e possibilidades na escola**. 3 ed. Campinas: Autores associados, 2008.
- BEHRENS, M. A. **Paradigma da complexidade**: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BIESTA, G. Theorizing Learning through Complexity: An Education Critique. **Complicity: An International Journal of Complexity and Education**, vol. 06, n. 1, p. 28-33, 2009.
- BORTOLETO, M. A. Uma reflexão sobre o conceito de técnica na Ginástica Geral. In: PAOLIELLO, E. (Org). **Ginástica Geral**: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília. MEC/SEF, 1997. 96p.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998. 114p.
- BRANDÃO, C. R.; STECK, D. Pesquisa participante: a partilha do saber. In: BRANDÃO, C. R.(Org.). **Pesquisa participante**: o saber da partilha. Aparecida: Ideias e Letras, 2006. 295 p.
- CARBINATTO. M. V.; FERREIRA. R. M.; FRANCO. L. I. A. O estado da arte das dissertações relacionadas à dança no ambiente escolar. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**. v. 27, supl. 7, p.9, São Paulo, 2013.
- CORREIA, M. M. Incluindo a dança nas aulas de Educação Física. **Encontro Fluminense de Educação Física Escolar**, 2006, Niterói/RJ. X Anais do EnFEFE, 2006. v. 1. p. 169-173.
- CUNHA, M. **Dance aprendendo, aprenda dançando**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1992.

D'AMBRÓSIO, U. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DELORS, J. et al. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 7 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2012.

EHRENBERG, M. C. **Os currículos de licenciatura em Educação Física: A dança em questão**. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2008.

EHRENBERG, M. C. **A dança como conhecimento a ser tratado pela Educação Física escolar**: aproximações entre formação e atuação profissional. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2003.

EHRENBERG, M. C.; FERNANDES, R. de C.; BRATISFISCHE; S. A. **Dança e Educação Física**: diálogos possíveis. 1. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2014.

EHRENBERG, M. C.; GALLARDO, J. S. P. Dança: Conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.2, p. 111- 116; 121-126, mai./ago. 2005.

FARIA, E. de; LESSA, M.; BUENO, M. C. As dificuldades podem estar além da Educação Física. **EFDesportes.Com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 15, n. 166, mar. 2012.

FERREIRA, V. **Dança Escolar**: um novo ritmo para a educação Física. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FIAMONCINI, L. Dança na educação: A busca de elementos na arte e na estética. **Revista Pensar a Prática**, v. 6, p. 59-72, 2003.

FREIRE, I. M. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. **Caderno Cedes**, ano XXI, nº 53, abril/2001.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.

GAIO, R. et al. **Ginástica e dança**: no ritmo da escola. 1. Ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2010.

GASPARI, T.C.; RANGEL, I. C. A. Educação Física escolar e dança: uma proposta de intervenção. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. v. 8, n. 2, 2009. ISSN: 1981-4313.

GOLDMAN, L. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir**: Corporeidade e educação. 10 ed. São Paulo: Papirus, 2007.

GRABER, K. C.; WOODS, A. M. **Educação Física e Atividades para o Ensino Fundamental**. Porto Alegre: AMGH, 2014.

HASE, S.; KENYON, C. Heutagogy: A Child of Complexity Theory. **Complicity: An International Journal of Complexity and Education**, vol. 4, n. 1, p.111-118, 2007.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. do C. Educação Física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 193-214, outubro/dezembro de 2009.

KUNZ, M. do C. S. Ensinando dança através da improvisação. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, p. 166-169, dez. 1994.

LARA, L. M.; RINALDI, I. P. B.; MONTENEGRO, J.; SERON, T. D. Dança e Ginástica nas abordagens metodológicas da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 2, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MACEDO, R. S. **Chryssallís, Currículo e Complexidade: a perspectiva crítico-multirreferencial e o currículo contemporâneo**. Salvador: EDUFBA, 2002.

_____. **Currículo: campo, conceito e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E.M. **Fundamento da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINS, F.P. AGUILLAR, R.A. RODRIGUES, S.F. O compromisso do profissional de educação física escolar. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, 13, nº 130, 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd130/o-compromisso-do-profissional-de-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acessado em 02 de outubro de 2014.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MIRANDA, M. L. J. de. A dança como conteúdo específico nos cursos de Educação Física e como área de estudo no curso superior. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 3-13, jul./dez. 1994.

MONTEIRO, A. A. **Corporeidade e Educação Física: Histórias que não se contam na escola!** Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2009.

MORAES, M. C. Complexidade e Currículo: por uma nova relação. Polis, **Revista de La Universidad Bolivariana**, vol. 9, n. 25, p. 289-311, 2010.

_____. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.

MOREIRA, E.C.; PEREIRA, R.S.; LOPES, T.C. Desafios e propostas para a Educação Física no Ensino Médio. In: MOREIRA, E.C.; NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.). **O que e como ensinar Educação Física na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2009.

MOREIRA, M. **As Atividades Gímnicas na Escola: Uma Perspectiva**. Disponível em: <http://home.fmh.utl.pt/~mmoreira/ficheiros/Actividades_Gimnicas_na_Escola.pdf>. Acessado em 20 de setembro de 2014.

MOREIRA, W.W. **Século XXI: A era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MOREIRA, W.W.; PORTO, E. T. R.; CARBINATTO, M. V.; SIMÕES, R. Do corpo à corporeidade: a Arte de viver o movimento no esporte. In: RODRIGUES, D. (Org). **Os Valores e as Atividades Corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; MARTINS, I.C. **Aulas de Educação Física no ensino médio**. Campinas: Papirus, 2010.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

_____. **Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000b.

_____. **A Religação dos Saberes: O Desafio do Século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Educação e complexidade, os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2005.

NISTA-PICCOLO, V.L.; MOREIRA, W.W. **Esporte para a vida no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012.

MUGLIA-RODRIGUES. B.; CORREIA. W. R. Produção Acadêmica sobre dança nos periódicos nacionais de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo. 20 ed. 793 -796, 2013.

NOVOA. A. Prefacio. In JOSSO. M. C. Experiências de vida e formação. Cortez, São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, A. B. de. A unidade esquecido homem universo. Rio de Janeiro, **Espaço e Tempo**, 1989.

OLIVEIRA. R. H. de. **Problemas e Soluções da Educação Física Escolar: Um Estudo Bibliográfico**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OSBERG, D. Redescribing ‘Education’ in Complex Terms. **Complicity: An International Journal of Complexity and Education**, v. 2, n. 1, p. 81-83, 2005.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E.C. A participação dos alunos do Ensino Médio em aulas de Educação Física: algumas considerações. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2 sem. 2005.

ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Revista Motriz**, Rio Claro, v 11, n 3, p. 167-178, set/dez. 2005.

SANTIN, S. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 2003.

SBORQUIA, S. P. **A dança no contexto da educação física: os (des)encontros entre a formação e a atuação profissional**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SBORQUIA, S. P.; GALLARDO, J. P. As danças na mídia e as danças na escola. **Revista Brasileira Ciências Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 105-118, Jan. 2002.

SILVA, A. L. da; CAMILLO, S. de O. A educação em enfermagem à luz do paradigma da complexidade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 41, n. 3, p. 403-410, 2007.

SILVA, M. C. de C. e.; ALCÂNTARA, A. S. M. de.; LIBERALI, R.; NETTO, M. I, A.; MUTARELLI, M. C. A importância da dança nas aulas de educação física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 2, 2012.

SILVA, M. F. P.; DAMAZIO, M. S. O ensino da educação física e o espaço físico em questão. **Revista Pensar a Prática**. v. 11, n. 2. 2008.

SOARES, C. L. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, A. S. **Educação Física no Ensino Médio: representações dos alunos**. 2008. 146f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

STOER, S.; MAGALHÃES, A. Educação, Conhecimento e a Sociedade em Rede. **Revista Educação e Sociedade**, v. 24, n. 85, Campinas, 2003.

THIESEN, J. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 13, n. 39, p. 545-554, set./dez. 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

UGAYA, A. S. **A dança no projeto “Arte, educação e cidadania”**: um relato de experiência. 2007. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. **A dança na formação docente em Educação Física**. 186f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2011.

VARGAS, L. A. M. de. Escola em dança: movimento, expressão e arte. Porto Alegre: Mediação, 2007. 88p. **Coleção Educação e Arte**, v. 9.

VERDERI, E. **Dança na Escola: uma abordagem pedagógica**. São Paulo: Phorte, 2009.

WHITEHEAD, A. N. **The Aims of Education**. 1929. Reprint, New York: The Free Press, 1967.

XAVIER, F.C. LUIZ, A. Sinal verde. Uberaba, 2009.

ZABALA, A. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo**: Uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DADOS DO PROFESSOR

DANÇA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE UBERABA-MG: BREVE DIAGNÓSTICO

1- Sobre o professor

() Feminino () Masculino Idade: _____ anos

Qual graduação concluiu:

() Licenciatura em Educação Física

() Bacharelado em Educação Física

Outra graduação: _____

Nome da Universidade: _____

Tempo de formação: _____ anos

Especialização: () Sim () Não

Nome da Especialização: _____

Durante a graduação em Educação Física, teve alguma ou mais disciplinas com nome DANÇA, ATIVIDADES RÍTMICAS, EXPRESSÃO CORPORAL, etc.

() Sim () Não

Qual nome da disciplina: _____

Escola em que atua: _____

Telefone da Escola: _____

Tempo de atuação na Escola: _____ anos

Turma que ministra aulas: _____

2- Sobre a dança

Você utiliza a dança dentro de suas aulas de Educação Física Escolar? Em qual momento?

Quais são suas facilidades e dificuldades para trabalhar a dança na Educação Física Escolar?

Se oferecêssemos um curso de “dança na Educação Física Escolar”, o que você gostaria que fosse abordado?

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA SUJEITOS MAIORES DE IDADE

Titulo do Projeto: ESTUDO E ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE.

Você esta sendo convidado (a) a participar do estudo “ESTUDO E ANÁLISE SOBRE A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE”, que acontecerá com professores da Educação Básica da Prefeitura Municipal de Uberaba-MG, por você fazer parte desse universo. Particularmente, nesse momento, investigaremos a atuação dos professores efetivos de Educação Física do Ensino Fundamental I no que concerne a dança dentro da Educação Física Escolar e , caso você participe, será necessário responder as perguntas no questionário em anexo. Posteriormente entraremos em contato, para darmos continuidade à pesquisa. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco a sua vida. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado com um número.

Eu _____, li e ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com estudo.

Uberaba...../...../.....

Assinatura do voluntário (a)

Documento de identidade

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador orientado

Telefone para contato das pesquisadoras: Liliane Franco (34 – 9682 5987) Michele Viviene Carbinatto (34 – 8719 1224).

Em caso de dúvida em relação a esse documento, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone 34 – 3318 5854.